



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**CARNAVALIZAÇÃO DA REPRESSÃO: UMA
REPORTAGEM SOBRE ESTÉTICA E
CRIMINALIZAÇÃO DOS *BLACK BLOCS***

GABRIELA NOGUEIRA CUNHA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**CARNAVALIZAÇÃO DA REPRESSÃO: UMA
REPORTAGEM SOBRE ESTÉTICA E
CRIMINALIZAÇÃO DOS *BLACK BLOCS***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

GABRIELA NOGUEIRA CUNHA

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz

Rio de Janeiro

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Carnavalização da repressão: uma reportagem sobre estética e criminalização dos *Black Blocs***, elaborada por Gabriela Nogueira Cunha.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de História – UFF

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

CUNHA, Gabriela Nogueira.

Carnavalização da repressão: uma reportagem sobre estética e criminalização dos *Black Blocs*. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz

Como o amor, um motim, às vezes, pode nos pegar de surpresa, quando achamos que não estamos preparados. Mas se a pessoa está aberta para o amor, como o motim, ele fará com que ela aproveite as oportunidades, e as situações. Seria em vão falar que podemos preparar um motim, embora possamos, no mínimo, nos preparar para eles: fazer o que for preciso para ajudar a acender o fogo.

The Calisse Brigade

CUNHA, Gabriela Nogueira. **Carnavalização da repressão: uma reportagem sobre estética e criminalização dos *Black Blocs***. Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho nasce de uma tentativa de colocar as estratégias *black blocs*, que ganharam visibilidade durante as manifestações que tomaram conta das ruas do Brasil em 2013, com enfoque especial no Rio de Janeiro, em perspectiva, para além do embate dicotômico entre “certo” e “errado”, “violência” e “não-violência”. Procura-se, aqui, desmistificar a ação dos *black blocs* como “grupo”, ressaltando seu caráter simbólico e performático como algo que “acontece” nas ruas e não “é” fora delas. O projeto inclui uma reportagem que busca entender, e decifrar, a origem da revolta estética dos *black blocs*, que mexeu com o imaginário dos protestos urbanos no Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. <i>MADE IN EUROPE</i>: ORIGENS DA TÁTICA <i>BLACK BLOC</i>.....	5
2.1. Os movimentos autônomos europeus.....	6
2.2. A Batalha de Seattle e os Dias de Ação Global.....	9
2.3. Os primeiros blocos negros no Brasil.....	16
2.4. Os <i>Black Blocs</i> e o fim da História.....	18
3. E POR FALAR EM VÂNDALOS: BLACK BLOCS À BRASILEIRA.....	20
3.1. O Passe Livre e as manifestações-bloqueio em São Paulo.....	22
3.2. 17 de Junho revolucionário.....	24
3.3. Não vai ter Copa!.....	26
3.4. Ocupações políticas e a greve dos professores.....	32
4. REPORTAGEM.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Dois mil e treze foi o ano que ninguém esperava que estivesse para acontecer. Apostando na falsa ideia de que o povo brasileiro é pacífico, receptivo e festeiro por natureza, leia-se idiota por consequência, nossos governantes deitaram e rolaram em gastos públicos com os preparativos para os megaeventos previstos para acontecer nos anos seguintes: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Mas as contradições entre a quantidade de dinheiro “injetado” na economia – para usar um termo que *eles* gostam – e a dura realidade de ser brasileiro – isso, claro, quando se é preto, pobre, favelado, índio, mestiço, nordestino, mulher, gay, jovem, desempregado, dentre tantas outras *tags* aqui cabíveis – em algum momento trataram de surgir. Dois mil e treze transformou-se no ano que todos queriam que acontecesse.

Por conta de “miseros” vinte centavos (valor equivalente ao reajuste nas tarifas dos transportes públicos das principais capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), manifestações “pacíficas” tomaram conta das ruas de todo o país. Quando se descobriu que “não é só por R\$ 0,20, mas por direitos”, a coisa ficou séria. De pacatos cidadãos, os brasileiros – em todas as instâncias que a palavra “minorias” pode abranger – transformaram-se em “vândalos” profissionais. Manifestantes enfim.

Pouco a pouco, as roupas brancas que pediam por uma manifestação “Sem violência!” foram substituídas pelas bandeiras negras anarquistas. O ufanismo que outrora tingiu rostos de verde e amarelo derreteu com o gás lacrimogênio e foi substancialmente trocado pelas máscaras. As flores, que volta e meia eram oferecidas aos policiais da tropa de choque, murcharam e abriram espaço para a entrada explosiva dos coquetéis *molotov*. Dois mil e treze apresentou os brasileiros às táticas *black bloc*.

Entre as “inocentes” manifestações-bloqueio puxadas pelo Movimento Passe Livre, em São Paulo, que teimavam em fechar a Avenida Paulista, já em meados de maio, e reuniam poucos milhares de jovens protestando contra o aumento das passagens de ônibus e metrô; passando pela passeata que colocou 100 mil pessoas na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro, e o “episódio da Alerj”, no dia 17 de junho; e os acontecimentos que culminaram na detenção de mais de 200 jovens e na prisão de outros 84, nas escadarias da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 15 de outubro,

algo mudou drasticamente no que diz respeito às narrativas dos protestos que tiveram início com o que ficou conhecido como *Jornadas de Junho*, no Brasil.

O que mudou? De que forma as manifestações ditas pacíficas, que antes pregavam a “não-violência” com cartazes e palavras de ordem, e que levavam milhões às ruas, se transformaram em protestos “violentos”? Quem são as “minorias vândalas” que promovem a destruição dos símbolos do Capitalismo (de lojas caras, McDonald’s e agências bancárias), do poder do Estado (dos prédios públicos às viaturas policiais) e da mídia tradicional em crise de representatividade (carros de reportagem foram queimados e prédios da Rede Globo depredados) nos grandes centros urbanos? O que eles querem? O que nós, enquanto sociedade, enquanto cidadãos, enquanto opinião pública, temos com isso? As respostas para estas perguntas são complexas, para dizer o mínimo. “Certamente categorias tão carregadas de peso moral como *violência* e *não-violência* têm tudo para se tornarem artifício retórico reacionário no contexto de levantes populares.” (NED LUDD (org.), 2002, p. 12)

Uma das questões que mais saltam aos olhos no debate sobre os *black blocs* brasileiros é a impressionante falta de disposição dos críticos – sejam eles representantes do Estado, parcelas da sociedade ou da grande mídia – em se informar sobre essa tática militante que existe há, pelo menos, 40 anos. “A teoria social tradicional tende a enxergar este fenômeno como grupo, a partir de uma noção essencialista, como se compusessem uma unidade social, política e ideológica. Entretanto, o *black bloc* não é, ele acontece.” (ELIAS, 2013) O assunto, sem sombra de dúvidas, é sensível.

Para dar início a qualquer trabalho minimamente relevante a respeito dos blocos negros é preciso fazer uso de uma ferramenta que a História nos proporciona: a capacidade de colocar nossos objetos de estudo em perspectiva. Minuciar e desconstruir os detalhes por trás das ocultações produzidas pelos discursos dominantes. Comparar recorrências em macro e micro proporções. Avaliar pesos ideológicos e estéticos em um determinado contexto social, seja ele mais amplo e com o qual não estamos muito familiarizados, seja ele mais integrado à nossa realidade e, que de tão intrínseco, possa passar despercebido. Relativizar valores. “Pode-se discordar do recurso à violência por parte de agentes políticos que defendem uma determinada ideia de justiça social; entretanto, o repúdio a esta violência não pode afastar do centro do debate outras

violências, muito mais graves, mas esquecidas ou escondidas por quem monopolizou a informação.” (ELIAS, 2013)

Da tentativa de colocar o ação dos *black blocs* em perspectiva, para além do embate dicotômico entre “certo” e “errado”, nasceu o presente trabalho. Para tanto, o estudo se dividirá em três partes (capítulos). No segundo capítulo, a pesquisa bibliográfica vasculha uma Europa das décadas de 1960 e 1970 e uma América já na transição dos anos 1980 para os anos 1990, em busca de informações e resquícios ideológicos radicais de esquerda que possam sugerir as origens da tática *black bloc*. A partir do estudo realizado, com base nas teorias do cientista político canadense Francis Dupuis-Déri (2011), o presente capítulo defende que os *black blocs* ganharam força na virada do milênio, a partir de uma crise global do capitalismo e de um crescente descontentamento com suas vertentes neoliberais e com a esquerda institucionalizada. Trata-se de uma contestação praticada nas ruas, através da ação direta, organizada basicamente por grupos de afinidade auto gestionários. Ou seja, de organização não hierárquica, não burocrática, e autônoma. A tática, que surge na Europa na década de 1980, época de aprofundamento da política global neoliberal, torna-se mundialmente conhecida no final da década de 1990, após a “Batalha de Seattle”, em 1999.

O terceiro capítulo se destina a dissecar as manifestações que varreram as ruas brasileiras em 2013. Da leitura de uma bibliografia bastante atual – como a do sociólogo Manuel Castells (2013) – depreende-se que o que vem acontecendo no Brasil não é novidade para o resto do mundo. Os movimentos sociais que chegaram ao Brasil, podem ser encarados como fruto de um mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal. Daí a radicalização do mesmo. Este capítulo, no entanto, esbarra em alguns obstáculos. Na falta de uma bibliografia mais abrangente a respeito da formação dos blocos negros, especificamente, no Brasil, visto que o objeto de análise em questão encontra-se em pleno desenvolvimento e – por que não? – ainda em constante transformação, a alternativa foi se debruçar sobre recortes de jornal, capas de revistas, panfletos, sites e, como não poderia deixar de ser, redes sociais.

Neste mesmo capítulo se insere o que, pra mim, constituiu tarefa árdua. O capítulo busca costurar notícias publicadas na imprensa “oficial” a alguns relatos e depoimentos encontrados nas redes sociais, além de tentar traçar alguns paralelos com o

que já havia sido abordado no segundo capítulo a respeito da tática *black bloc*. Até aqui, todo o trabalho de pesquisa e tentativa de elaboração de uma base teórica sólida buscam abrir caminho para a produção de um trabalho autoral, que consiste na elaboração de uma reportagem especial para revista.

O quarto e último capítulo consiste na parte prática da presente monografia. A realização deste trabalho busca atender a uma demanda tanto quanto pessoal, pois desde o dia 13 de junho de 2013 estou nas ruas. Foi a minha curiosidade jornalística que me levou a conferir àquela e outras manifestações *in loco*. Foi o que presenciei ali, do lado de fora da redação da revista em que trabalho, que me transformou no que chamam por aí de “midiativista”, uma mistura de jornalista e ativista – para mim, o termo é menos glamoroso do que parece. De junho até aqui, a primeira vez em que consegui me afastar das ruas – ainda que não inteiramente – foi quando a obrigação de me formar pela *Escola* falou mais alto. Parei porque precisei escrever esta linha e todas as outras XX páginas deste trabalho, que pretende ser nada mais, nada menos, que uma primeira tentativa de reflexão acerca de tudo que vi, ouvi e vivi.

Eu acompanhei, de perto, toda a trajetória da tática *black bloc*, no Rio de Janeiro; desde a sua “estreia”, no 17 de junho, época em que a estratégia ainda era pouco compreensível para mim. Por vezes, era impossível conter a sensação de insegurança ao vê-los formados, vestidos de preto, com os rostos cobertos e indecifráveis, não vou negar. Mas a necessidade de entendê-los foi algo que sempre me motivou a estar perto. Ainda que, para isso, eu tenha sofrido o peso da repressão policial com a proximidade. Como ativista, mais do que jornalista, participei do Ocupa Câmara Rio – ocupação política instalada na praça da Cinelândia, em frente à Câmara dos Vereadores, em agosto. Ali, o mistério por trás das máscaras negras acabou para mim: os “vândalos” e “baderneiros”, de quem tanto se ouvia falar nos jornais, de repente, eram meus amigos.

O desfecho prático do presente trabalho (fruto de um longo processo de estudo e entendimento teórico, além de uma imersão no universo do objeto de estudo), portanto, se destina a dar vasão a uma tentativa particular de descriminalização midiática dos *black blocs*, ressaltando os valores estéticos e simbólicos, que acabaram transformando o cenário imagético das manifestações urbanas, principalmente no Rio de Janeiro. Para isto, lancei mão da minha própria vivência nas ruas, das incontáveis conversas em *off*

que tive com integrantes dos *black blocs* e cerca de dez entrevistas oficiais – realizadas especialmente para composição desta monografia.

2. MADE IN EUROPE: ORIGENS DA TÁTICA *BLACK BLOC*

Eles criaram uma imagem caiada da sociedade, onde tudo está bem. Então, quando as pessoas levantam a voz, e questionam, eles mostram desprezo, confusão, e depois demonstram seu poder. Não ouse pensar, nem por um momento, que é só com um motim que nós mostramos que estamos descontentes. É em todo dito ato criminoso que nós demonstramos nossa desobediência. Deixe para lá suas promessas pendentes, seu respeito, pois eu só tenho respeito pela vida. Enquanto vocês a destroem de tempos em tempos, eu continuo tendo esperanças no impossível e inventando desculpas para os transgressores.

Conflict, “The Right to Reply”, 1993

Roupas impermeáveis, máscaras de gás, gorros, capacetes e escudos. Tudo isso na cor preta dando o tom e ajudando a compor aquela massa compacta de manifestantes que se destaca ameaçadoramente à frente de um protesto prestes a tomar as ruas da cidade. Braços dados, ninguém se desgarra. O bloco caminha junto, em bando, separando os manifestantes “comuns” da polícia. Quando há repressão, são eles que lançam mão de pau, pedra e coquetéis *molotov* e partem para o confronto direto com as forças policiais. Alguns são ainda capazes de transformar a raiva em combustível para destruir bens públicos e privados ao longo do caminho. Bens estes, que eles defendem tratar-se de símbolos máximos do capitalismo, e do poder opressor do Estado (prédios públicos, multinacionais e bancos).

A tática *Black Bloc* ganhou força na virada do milênio, a partir de uma crise global do capitalismo e de um crescente descontentamento com suas vertentes neoliberais e com a esquerda institucionalizada. Trata-se de uma contestação praticada nas ruas, através da ação direta, organizada basicamente por grupos de afinidade auto gestionários. Ou seja, de organização não hierárquica, não burocrática, e autônoma.

Muito provavelmente os manifestantes que formam os *Black Blocs* estão entre os que nutrem menos ilusões com relação a natureza do capitalismo e do Estado, mesmo em sua feição democrática. Seus métodos e práticas exprimem de alguma forma essa percepção e, coincidentemente ou não, recebem por isso a pecha de violentos tanto pela mídia, quanto por ONGs, partidos políticos, capitalistas de esquerda e de direita, liberais, sejam eles também manifestantes ou não. (NED LUDD (org.), 2002, p.12)

Mas qual a origem dos chamados blocos negros? Para o cientista político canadense Francis Dupuis-Déri, a tática *Black Bloc* teve origem com o surgimento de uma nova narrativa no que tange os movimentos sociais, em fins da década de 1970 e

início dos anos 1980. Estes “novos movimentos sociais”, por sua vez, vieram no encalço do que ficou conhecido como movimentos autonomistas europeus.

2.1. Os movimentos autônomos europeus

A partir do final dos anos 1960, desenvolveu-se na Itália um amplo movimento de lutas operárias que rejeitavam a orientação dos sindicatos e partidos da esquerda tradicional, os chamados *Autonomi*. Suas ações massivas e radicalizadas – que articulavam desde a resistência nas fábricas através da sabotagem de máquinas e produtos, passando por ocupações de casas e criação de coletivos culturais autônomos até greves selvagens¹ e confrontos de rua – marcaram um período de crise e efervescência revolucionária italiana. Esta foi a raiz dos chamados movimentos autônomos, ou autonomistas, que deram origem ao que Francis Dupuis-Déri chama de “novos movimentos sociais”, que emergiram nos países desenvolvidos europeus a partir da década de 1970 – como os movimentos formados por feministas, ambientalistas, estudantes e homossexuais. Tais movimentos preconizavam a radicalização de uma experiência democrática, como a tomada de decisões de forma descentralizada, participativa e igualitária, rejeitando o mito da representação política.

Rejeitava-se, portanto, tanto ideais de representação caros à direita, como a ideia de “nação”, quanto de esquerda, como a noção de “proletariado” e seus organismos (sindicatos ou partidos operários). Os organismos tradicionais que catalisavam as lutas sociais eram, na visão destes novos movimentos, montados justamente para funcionar de acordo com o sistema opressor contra o qual se levantavam. (ELIAS, 2013)²

Numericamente falando, cerca de 13 milhões de trabalhadores – isso numa população até então com 50 milhões de habitantes italianos – participaram ativa e diretamente daquele movimento autônomo operário. Porém, fazendo uso do terrorismo, o Estado conseguiu manobrar a massa de trabalhadores, desencadeando uma enorme onda de repressão sobre o movimento. Ao final, foram cerca de cinco mil presos

¹ As chamadas “greves selvagens” são todas aquelas iniciadas e levadas adiante de forma espontânea, por um grupo de trabalhadores, à revelia de sindicatos ou partidos.

² Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/agua-com-gas-lacrimogenio>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

políticos. Grandes atentados terroristas – ocorridos no dia 12 de dezembro de 1969, na Piazza Fontana, em Milão, e na cidade de Brescia, no norte da Itália – foram inicialmente atribuídos aos militantes anarquistas, pelo Estado. Só depois foi descoberto que, na realidade, tais atentados tiveram origem nos próprios órgãos de segurança do governo, com o objetivo de deslegitimar as lutas operárias. Objetivo inicialmente alcançado, já que os metalúrgicos desmarcaram as “greves selvagens” anunciadas para 19 de dezembro daquele ano.

Apesar do potencial revolucionário dos *Autonomi* italianos da década de 1970 ter sucumbido, sua força, agitação, confiança e “atrevimento” serviram de inspiração para os jovens da Alemanha Ocidental de 1980, quando, pela primeira vez, ouviu-se a expressão *Schwarzer Block* (ou bloco negro). O termo foi bastante utilizado pela polícia alemã para identificar os *Autonomen* – grupo de extrema-esquerda similar aos *Autonomi* – que durante uma série de manifestações e passeatas antinucleares, que aconteceram nos principais centros urbanos do país, usaram roupas, máscaras e gorros pretos nas ruas. Em defesa de uma pauta ecológica radical, o conjunto formava uma massa compacta e facilmente identificável à frente das passeatas, fosse para que parecessem numericamente superiores, fosse para que atraíssem a solidariedade de outros grupos ideologicamente afins, durante as manifestações. Posicionados estrategicamente entre o restante dos manifestantes e a polícia, usavam máscaras de gás e capacetes, cuja função era a de proteger os membros do bloco, ao passo em que também impedia a identificação dos mesmos por parte dos policiais.

A radicalização na Alemanha Ocidental de 1980 foi fortemente nutrida pela recessão econômica que assolou o país, anos antes. Os efeitos da crise eram sentidos mais diretamente pelos jovens que não conseguiam encontrar emprego e assegurar suas próprias moradias e, conseqüentemente, sua própria independência. Desta forma, as motivações da mobilização da juventude autônoma alemã provinham de um desejo irreparável de abalar as bases do conservadorismo e conformismo da sociedade rural alemã e lutar contra o alto índice de desemprego e os planos governamentais para a expansão massiva de seu poder nuclear.

Os *Autonomen* flertavam com diversas vertentes (marxismo, radical-feminismo, ambientalismo, anarquismo), no entanto pregavam a independência ideológica acima de tudo como garantia de liberdade. Na Alemanha Ocidental, os *Autonomen* se organizavam em bases igualitárias e libertárias e evocavam a autonomia em diferentes níveis de convívio: individual (onde a política era praticada por conta própria

e não como forma de representação da maioria), de gênero (havia coletivos exclusivos de mulheres feministas), na tomada de decisões (eram grupos de ativistas sem líderes ou hierarquias), no apartidarismo (nenhuma relação com instituições, com o Estado, com partidos ou sindicatos). (DUPUIS-DÉRI, 2011)³

Como resultado da recessão econômica, em fins dos anos 1970, enormes áreas residenciais foram completamente abandonadas por empreendedores e representantes do governo alemão. Logo, ocupar estes imóveis vazios passou a ser uma opção viável e lógica para aqueles jovens desfavorecidos que buscavam manter sua independência familiar. Os chamados *squatters*⁴ cresceram nas vizinhanças de Kreuzberg, em Berlim, e Haffenstrasse, em Hamburgo. A criação dessas comunidades visava a transformação destes prédios abandonados em centros de cultura underground, como livrarias, cafeterias, bares, galerias de arte, entre outros espaços multivalentes. Em suma, tratava-se de locais onde a efervescência política, artística e cultural era preconizada, como uma alternativa à vivência tradicional, à família nuclear, ao patriarcado, às utopias pregadas pela televisão e pela cultura pop de massa.

A partir da década de 1980, essa modalidade de luta urbana estreitou vínculos com a cultura punk e o anarquismo. Essa aliança político-cultural fez germinar diversos centros de atividades sociais. Tipicamente urbanos, os *squatters* ou *okupas* (como são chamados na Espanha e na América Latina) atraem uma diversidade de adeptos: desempregados, estudantes, punks, anarquistas, ecologistas, feministas, artistas. (RUDY, 2013)⁵

Os *Autonomen* alemães deram início a centenas de *squats* – além de acampamentos no interior do país, em terrenos onde usinas nucleares seriam erguidas, sendo o mais famoso deles a República Livre de Wendland, criado em maio de 1980 na cidade de Gorleben, ao norte da Alemanha – e se envolveram em inúmeras campanhas contra o governo, contra a guerra e contra o racismo, naquela década. Em várias ocasiões, eles se envolveram em verdadeiras batalhas de rua com grupos neo-nazistas e forças policiais a serviço do governo. “A tática *Black Bloc* se desenvolveu em meio a

³ Disponível em

http://www.academia.edu/2399689/The_Black_Blocs_Ten_Years_after_Seattle_Anarchism_Direct_Action_and_Deliberative_Practices, último acesso em 06 de novembro de 2013.

⁴ *Squatters* são espaços ou construções, abandonados ou desabitados, que são ocupados sem permissão de seus proprietários legais, com o objetivo de criar uma esfera de sociabilidade e vivência libertária.

⁵ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/ocupar-com-k>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

este cenário de confronto e depois foi repetidamente usada em protestos durante reuniões oficiais na Europa Central, como em 1988, no encontro de representantes do Banco Mundial e do FMI, em Berlim Ocidental.” (DUPUIS-DÉRI, 2011)

Os *squats* alemães – fortemente inspirados pela experiência de grupos que já faziam isso havia anos na Holanda e na Inglaterra – funcionaram, portanto, como incubadora dos ideais mais radicais que deram origem à tática *Black Bloc*. A formação dos *Black Blocs* incorpora, justamente, os princípios autônomos de seus autores, como a radicalização da democracia ao extremo, com tomada de decisões de forma descentralizada, participativa e igualitária, rejeitando o mito da representação, como já citado. Logo, não é difícil perceber o motivo pelo qual é repudiada por partidos tradicionais, sejam eles representativos da direita ou da esquerda, bem como por sindicatos. Também é fácil entender o porquê de serem tão incompreendidos pela grande mídia. Estes organismos e as ideologias de direita ou de esquerda tradicionais, imbuídas do que o historiador Rodrigo Elias chama de “paradigma iluminista”, não possuem arsenal teórico para dar conta do fenômeno, de modo que a pura desqualificação – através do uso de termos taxativos como “vandalismo” e “violência” – é o caminho mais comumente seguido.

“Certamente categorias tão carregadas de peso moral como “violência” e “não-violência” têm tudo para se tornarem artifício retórico no contexto dos levantes populares. Todas as “greves selvagens” e insurreições populares, dos *communards* aos zapatistas, sempre foram pelo menos em algum momento descritas como irrupções de violência, na tentativa de isolá-las, criminalizá-las e desqualifica-las moralmente.” (NED LUDD (org.), 2002, p.12)

Tão logo os acampamentos antinucleares e os *squats* começaram a proliferar pelo país, o governo da Alemanha se deu conta de que era preciso cortar pela raiz aquela agitação social e lançou uma grande ofensiva policial contra estes dois pilares de sustentação do movimento autônomo alemão em diferentes partes do país. A República Livre de Wendland foi desarticulada em junho, e os *squats* de Berlim sofreram um violento ataque policial em dezembro.

Durante uma manifestação em 1º de maio de 1980, em Frankfurt, um grupo de militantes autonomistas desfilou com corpos e rostos cobertos de preto, usando capacetes e outros equipamentos de proteção para se defender dos ataques da polícia. O

visual foi batizado pela polícia – e disseminado pela imprensa – como *Schwarzer Block*. “A presença de blocos negros se tornou um elemento constante nas ações dos autonomistas alemães, e sua função original era a de servir de força de autodefesa contra os ataques policiais às ocupações e outros espaços autônomos.” (FIUZA, 2013)⁶

2.2. A Batalha de Seattle e os Dias de Ação Global

Nascida nas entranhas da vertente radicalizada da esquerda europeia da década de 1980, a tática *Black Bloc* permaneceu muito pouco conhecida fora daquele continente até o final do século XX. Foi apenas no ano de 1999, com a formação de um *Black Bloc* durante as manifestações contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), na cidade portuária de Seattle – localizada no estado norte-americano de Washington D.C. – que os mascarados de preto ganharam as manchetes da imprensa mundial. No entanto, acredita-se que na América do Norte, a tática *Black Bloc* foi usada pela primeira vez em janeiro de 1991, também em Washington, durante um protesto que buscava chamar a atenção da população contra primeira guerra do Iraque. O prédio do Banco Mundial foi atacado e suas janelas destruídas. Mas como a tática *Black Bloc* ultrapassou as barreiras do Velho Continente e ganhou a América?

Da Alemanha, a tática se difundiu pela Europa e chegou aos Estados Unidos no final dos anos 1980, mais precisamente em 1988, quando um bloco negro se formou para protestar contra os esquadrões da morte que o governo americano financiava em El Salvador. A tática também havia sido usada no início dos anos 1990, por membros de grupos antirracismo e antiautoritários dos Estados Unidos e do Canadá, focados em confrontar diretamente neo-nazistas e defensores da supremacia branca.

Os sociólogos Charles Tilly, Doug McAdam e Dieter Rucht – segundo demonstra Francis Dupuis-Déri – mostraram em suas pesquisas a respeito dos blocos negros que, por diferentes períodos e lugares, existem relatos de ações diretas coletivas legitimadas pela defesa e promoção de uma causa. Tais relatos são transformados e disseminados ao longo do tempo, atravessando as fronteiras de acordo com as necessidades específicas de cada grupo de militantes e, também, de acordo com as variações no “clima político”.

⁶ Disponível em <http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>, último acesso em 06 de novembro de 2013

A tática *Black Bloc* acabou sendo disseminada, basicamente, através de uma rede de conexões da contracultura de esquerda – fosse ela hiper radicalizada ou não – e da cultura underground punk, através de fanzines, grupos musicais, e contatos pessoais entre ativistas viajantes. Jornais anarquistas, tais como o *Love & Rage* (Amor e Ódio, em português), desempenharam brilhantemente seu papel neste sentido e foram responsáveis por tornar a tática conhecida em meio à comunidade anarquista norte-americana.

Fato é que em novembro daquele ano de 1999, a tática *Black Bloc* não passava de uma grande novidade para a maioria dos americanos, já que, em parte, suas ações e ideias promovidas pelos movimentos autonomistas europeus foram ignoradas pela grande mídia americana e muito pouco divulgadas. Isto acontecia, também, em decorrência da manipulação por parte da mídia vigente que ignorava quaisquer acontecimentos que não servissem aos seus propósitos. No entanto, como já citado, os braços mais radicais da esquerda norte-americana nunca foram totalmente ignorantes. Inspirados pela cultura underground europeia dos anos 1980, os americanos logo passaram a usar máscaras e roupas pretas nas passeatas e protestos que aconteciam pelo país, criando laços de solidariedade entre os manifestantes e fazendo prevalecer o anonimato perante as autoridades. “A resistência e a solidariedade são tão transnacionais quanto o capital.” (NEDD LUDD (org.), 2002, p. 54)

No episódio que ficou conhecido como a "Batalha de Seattle", a maior parte dos manifestantes que usaram da força não eram parte dos *Black Blocs*. Eram ativistas com princípios não violentos, ou residentes da cidade de Seattle reagindo contra a brutal repressão policial. Mas a mídia dedicou atenção particular aos militantes *Black Blocs*, neste ponto contribuindo para a disseminação e popularização dos seus métodos. Muitos daqueles que iriam adotar as táticas *Black Bloc* durante a insurreição de Seattle viram a tática em ação pela primeira vez graças a grande mídia. No entanto, foi através da mídia alternativa que os militantes foram capazes de se familiarizarem com a forma organizacional e modus operandi, e manter-se a par dos embates táticos e estratégicos com relação a este tipo de ação. (DUPUIS-DÉRI, 2011)

Ou seja, na tentativa de criminalizar os movimentos sociais, a mídia acabou dando ainda mais força aos *Black Blocs* de Seattle, que realizaram sua entrada triunfal durante aquele Movimento Antiglobalização de 30 de novembro de 1999. A “Batalha de Seattle” teve como resultado a destruição de uma série de vidraças de lojas como McDonald's, Nike, Gap e alguns bancos. Em abril de 2009, quase dez anos depois, um

Block Bloc se envolveu num confronto com a polícia, em Strasbourg, durante um encontro da OTAN.

Os acontecimentos que ganharam as ruas de Seattle fizeram parte de um contexto mais amplo de revoltas populares que eclodiram no mundo inteiro naquele final de século. O fenômeno das manifestações-bloqueio em encontros de gestores do capitalismo internacional, ou mais genericamente os chamados Dias de Ação Global ou Movimentos Antiglobalização, impediram e perturbaram as reuniões de instituições como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em países da Europa e da América do Norte; gerando verdadeiras batalhas campais nas ruas de Londres, Praga, Québec e Gênova.

Em 1996, os zapatistas haviam lançado um chamado para um encontro internacional de ativistas e intelectuais em Chiapas. Seis mil atenderam ao chamado e passaram dias conversando e compartilhando histórias de luta contra um inimigo em comum: o capitalismo. A chamada Ação Global dos Povos – que faria sua estreia em fevereiro de 1998, em Genebra, na Suíça – foi formada por dez dos mais inovadores movimentos sociais da época, que incluía o Movimento Sem-Terra brasileiro (MST). Um dos objetivos concretos da conferência era coordenar ações contra dois eventos de importância global que aconteceriam em maio daquele ano: a reunião do G-8, que teria lugar na Inglaterra, e a segunda reunião ministerial da OMC, que aconteceria um dia depois, na Suíça.

Por quatro dias consecutivos em maio de 1998, atos de resistência ecoaram em volta do planeta. Em Hyderabad, Índia, 200 mil agricultores sem-terra clamaram pela morte da OMC; em Brasília agricultores sem-terra e trabalhadores desempregados juntaram forças e 50 mil deles foram às ruas, mais de 300 festas *Reclaim the Streets*⁷ ocorreram em diversos locais, indo da Finlândia, passando por São Francisco, Toronto, Lion e Berlim. Em Praga, ocorreu a maior mobilização desde a Revolução de Veludo em 1989, trazendo milhares de pessoas às ruas para uma festa móvel que culminou com vários McDonald's recebendo um 'novo design' e com batalhas com a polícia. (NED LUDD (org.), 2002, p. 20)

⁷ O *Reclaim The Streets* (RTS) é um movimento anárquico de cunho ecológico que se posiciona, de maneira geral, contra os efeitos negativos da globalização sobre a vida urbana em sociedade. As ações conjuntas do movimento são representadas por ocupações coletivas dos espaços públicos, em especial as ruas.

O sucesso daquele 18 de junho de 1998 bastou para que outra leva de ações, protestos, ocupações e manifestações de rua em todos os continentes fossem programadas para o mesmo dia, um ano depois. E o ano de 1999 assistiu um aumento dessas alianças. Neste ano, em Florianópolis, o relógio da Rede Globo que comemora os 500 anos de “descobrimento do Brasil” – para os manifestantes tratava-se de um registro dos 500 anos de genocídio e invasão de nossas terras – amanheceu com uma mancha vermelha, fazendo com que o símbolo da emissora parecesse estar sangrando. Não é de hoje que a empresa desperta um forte sentimento de rejeição em ativistas.

Mas o que aconteceu no Brasil, em 1999, foi inexpressivo diante da massificação dos protestos de 18 de junho, em Londres. Para o chamado Carnaval Anticapitalismo, que destruiu todo centro financeiro da capital inglesa, cerca de nove mil máscaras foram produzidas, em quatro cores diferentes. Cada uma delas possuía um texto impresso no verso:

As autoridades temem as máscaras, pois seu poder reside, em parte, na identificação, rotulação e catalogação, em saber quem você é. Mas um Carnaval precisa de máscaras, milhares de máscaras, e nossas máscaras não são para esconder nossas identidades, mas para revelá-las. Os mascarados sempre foram parte essencial do Carnaval. Fantasias e disfarces, uma indefinição de identidades e fronteiras, transformação, transgressão; tudo vem à tona com o uso das máscaras. Usando máscaras mostramos nossa união, unificamos nossas ações, gritamos como um só contra aqueles que nos governam e tentam nos dividir. Somos todos tolos, desvairados, marginais, palhaços, criminosos. Hoje, nós vamos dar uma cara a esta resistência; colocando nossas máscaras, nós revelamos nossa unidade; e levantando nossas vozes nas ruas em uníssono, nós mostramos nossa raiva na ausência de uma face do poder. Ao sinal, siga a sua cor. E deixe o Carnaval começar⁸.

As máscaras convocavam as cerca de 20 mil pessoas que participariam daquela manifestação para formar uma rede de caráter libertário, desde a sua forma organizacional, passando pela consciência política de cunho radical, até o desenrolar dos eventos em si. Como numa espécie de carnaval politizado, os manifestantes percorreram as ruas londrinas com música, danças, performances, e marchinhas. Ao fim da tarde uma lanchonete McDonald's foi destruída, carros de luxo danificados, a cidade foi coberta por pichações anarquistas; viaturas policiais também foram danificadas,

⁸ Disponível em <http://www.eco-action.org/dod/no8/carnival.html>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

além de serviram de palco para encenações artísticas; bancos e prédios de instituições financeiras tiveram suas vidraças quebradas.

Embora tenham ocorrido manifestações em mais de cem cidades do globo, foi em Seattle a mais significativa. Pessoas vindas de várias partes dos Estados Unidos e do mundo se dirigiram para a cidade. Foram mais cerca de 100 mil manifestantes formando a maior manifestação de protesto que o EUA já vira desde os anos 1960. Os manifestantes bloquearam os cruzamentos do centro de Seattle, de modo a não deixar os delegados dos governos chegarem ao local de encontro. A resposta da polícia ao sucesso dos manifestantes veio no final da tarde, com muita bala de borracha, spray de pimenta e gás lacrimogênio. “A violência da polícia não respeito idade ou sexo (nisso eles são verdadeiramente igualitários), e nem mesmo as pessoas que voltavam do trabalho, o que colocou a população da cidade contra a ação policial.” (NED LUDD (org.), 2002, p. 56)

Para o historiador Bruno Fiuza, foi graças à ação desse *Black Bloc*, mais especificamente, que a tática ganhou as páginas dos grandes jornais no mundo inteiro, principalmente porque, foi só a partir de Seattle, que os *Black Blocs* passaram a realizar ataques seletivos contra símbolos do capitalismo global. A mudança se explica pelo contexto em que se formou o *Black Bloc* de Seattle:

A década de 1990 foi a era de ouro das marcas globais, quando os logos das grandes empresas se transformaram na verdadeira língua franca da globalização. Nesse contexto, o ataque a uma loja do McDonald's ou da Gap tinha um efeito simbólico importante, de mostrar que aqueles ícones não eram tão poderosos e onipresentes assim, de que por trás da fachada divertida e amigável da publicidade corporativa havia um mundo de exploração e violência materializado naqueles logos. (FIUZA, 2013)

Ou seja, foi este grupo de manifestantes de Seattle que inaugurou uma nova dimensão no que diz respeito à violência simbólica, “marca registrada” da tática *Black Bloc* daí em diante. Foram cinco horas de ação; as atividades do grupo incluíram transmissões na rádio e distribuição de panfletos, além da destruição de lojas e desfiguração de fachadas. Entre o “armamento”, estilingues, marretas, bastões, pés-de-cabra e alicates foram usados para danificar estrategicamente a propriedade de corporações como Starbucks e Niketown. Ovos cheios de solução de ácido nítrico, bolas com tinta e tinta em spray também foram utilizados.

Este *Black Bloc* era um grupamento livremente organizado, formado por grupos de afinidade e indivíduos que perambulavam pela cidade, tomando determinadas

direções, ora guiados pela fachada atrativa, significativa e vulnerável de alguma loja, ora para desviar de um contingente policial. Por estarem em constante movimento e evitarem o contato direto com a polícia, a maior parte da fração de manifestantes que aderiram ao *Black Bloc* escapou de ser gravemente ferida, diferentemente da vasta maioria de ativistas que levaram spray de pimenta na cara, gás lacrimogênio e tiros de bala de borracha. “Nos apoiamos, nos mantivemos compactos e demos cobertura uns aos outros.” (NED LUDD (org.), 2002, p. 59)

O canadense Dupuis-Déri, em seus estudos a respeito dos blocos negros, fez um breve inventário que ajuda a compreender como foi o desenrolar destas ações pós-Seattle. Embora aconteçam de forma variada e por diferentes motivações, ainda assim é perceptível uma certa consistência nos atos. No ano seguinte, em 2000, na capital dos Estados Unidos, durante um encontro do FMI e do Banco Mundial, houve confronto entre os adeptos da tática com a polícia que –assim como em 1999 – também confrontava manifestantes pacíficos. Ainda em 2000, em Praga, capital da República Tcheca, o ataque dos blocos negros foi ao isolamento policial que impedia uma manifestação de chegar ao local onde haveria um encontro destas mesmas instituições econômicas, símbolos do capitalismo e da globalização. No ano seguinte, em Buffalo, nos Estados Unidos, os adeptos da tática resolveram protestar limpando áreas suburbanas após terem sido chamados de “lixo” por autoridades e pela imprensa. Em Québec, uma série de pequenos *Black Blocs* furou um bloqueio da polícia, numa dessas reuniões de cúpula que acontecia na cidade canadense, enquanto protegiam os outros manifestantes das investidas policiais.

Em 2001, porém, um evento trágico causou comoção em Gênova, na Itália. Para a reunião que aconteceria entre os dias 20 e 22 de julho daquele ano, ainda no primeiro semestre, o FBI anunciou o nome de uma “organização” que agora faria parte de seus registros como grupo terrorista: o *Reclaim The Streets*. Em junho haveria um encontro do Banco Mundial e do FMI, em Barcelona, que foi cancelada por antecipação pelas autoridades. Mesmo assim mais de 10 mil pessoas foram às ruas da cidade espanhola, onde se viu muita brutalidade policial e algumas táticas que seriam empregadas um mês depois, em Gênova – com policiais infiltrados que perseguiram e batiam em manifestantes indiscriminadamente.

Contra o encontro do G8 – que compõe os oito países mais ricos do mundo, mais a Rússia – em Gênova, cerca de 200 mil manifestantes foram às ruas, mas a repressão policial foi impiedosa: após a manifestação, os supostos integrantes do *Black Bloc* foram perseguidos pela polícia, vários manifestantes foram brutalmente espancados e um jovem chamado Carlo Giuliani foi executado com dois tiros na cabeça.

A polícia batia em todos indiscriminadamente e lançava gás lacrimogêneo até de helicópteros. Policiais vestidos de manifestantes e de jornalistas foram vistos. Muitos diziam que a polícia atacava somente manifestantes “pacíficos”, deixando os destruidores de propriedade fazerem seu trabalho em paz. Havia de fato policiais infiltrados simulando o que seria um Black Bloc, assim como grupos de “hooligans”⁹ e neonazis que se engajavam em quebra-quebras, acordados anteriormente com a polícia¹⁰. Mas é difícil saber em que medida se tratava de “verdadeiros” manifestantes ou de polícias infiltrados. (NED LUDD (org.), 2002, p. 162)

Para o encontro, o recém eleito governador de direita de Silvio Berlusconi, que havia chegado ao poder algumas semanas antes, destacou uma frente de ataque contra qualquer tipo de protesto “violento”¹¹. Na madrugada do dia 21 de julho para o dia 22, a polícia de Gênova revistou o complexo escolar Diaz e executou o mais violento ataque a manifestantes já visto. O complexo, composto por dois prédios, um de frente para o outro, estava sendo usado pelos advogados do Fórum Social de Gênova, rádios independentes estavam realizando suas transmissões de lá e um Centro de Mídia Independente havia sido montando no terceiro andar do prédio. A escola também estava sendo usada como dormitório pelos manifestantes que ali estavam para os três dias de protesto que aconteceriam ao longo do encontro. A escola Diaz era considerada, enfim, um lugar seguro.

As pessoas que se encontravam ali foram brutalmente espancadas, a maioria teve que ser retirada do local em macas, em estado grave. Documentos foram roubados e os

⁹ O termo *hooligan* tem sido utilizado pelo menos desde meados da década de 1890, quando foi usado para descrever o nome de uma gangue de rua em Londres. O chamado “hooliganismo” refere-se a um comportamento destrutivo e desregrado. O termo é comumente aplicado para fazer referência ao comportamento desordeiro em geral e vandalismo.

¹⁰ Segundo informações divulgadas pelo jornal italiano Secolo 21, um documento secreto da polícia admitia a participação de radicais de direita nos protestos em Gênova. O objetivo desses homens (entre eles, pelo menos 25 membros do grupo italiano Forza Nuova) teria sido o de atacar as forças de segurança, colocando a polícia e a opinião pública contra a esquerda.

¹¹ Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/green/2006/05/353595.shtml>, último acesso em 05 de dezembro de 2013.

equipamentos da imprensa alternativa foram destruídos pela polícia. Os que não saíram da escola Diaz direto para o hospital, foram direto para a cadeia. Na prisão, os detidos sofreram torturas físicas e psicológicas e todos os tipos de violação dos direitos humanos. As cenas de horror vivenciadas por aquelas pessoas, em Gênova, podem ser revisitadas em documentários como *Black Block*, de 2011, e no drama *Diaz: Don't clean up this blood*, de 2012. No primeiro, imagens daqueles três dias de protestos são resgatadas e misturadas às lembranças faladas de seis ativistas que viveram o terror imputado pelo Estado no complexo Diaz e nos dias que seguiram após as prisões. Hoje, eles trabalham nos bastidores dos grandes protestos, ajudando pessoas que, como eles, sofrem com transtornos pós-traumáticos devido a abusos policiais. A Anistia Internacional, citada em *Diaz: Don't clean up this blood*, refere-se a estes eventos como “a mais grave suspensão de direitos democráticos em um país da Europa Ocidental desde a Segunda Guerra Mundial”. Em mais de duzentas cidades ao redor do mundo, inclusive no Brasil, aconteceram atos de protesto contra a repressão fascista ocorrida em Gênova e a morte de Giuliani. “Matam um, levantam milhões!” (NED LUDD (org.), 2002, p. 163)

Após as grandes movimentações e acontecimentos em Seattle e Gênova, ações *Black Bloc* similares têm sido bastante comuns a partir da virada do século nos Estados Unidos, Grécia, Escócia, França, Canadá. Os Black Blocs têm sido o pesadelo dos “donos do mundo” em suas reuniões da OTAN, G8, G20, Banco Mundial, Cúpula das Américas, Cúpula da União Européia tem. Mas os blocos negros também têm atuado em questões locais, como convenções de partidos políticos – como o Tea Party, o Partido Republicano dos EUA. “As ações variam do ataque aos símbolos políticos econômicos, resistência pacífica ou não aos aparatos policiais, proteção a manifestantes pacíficos.” (ELIAS, 2013)

De Seattle para cá, os blocos negros, até então um instrumento basicamente de defesa contra a repressão policial, tornaram-se também uma forma de ataque. Ataque simbólico contra os significados ocultos por trás dos símbolos de um capitalismo que se dizia universal e benevolente. Foi nesse contexto que a tática chegou ao Brasil, ainda no início dos anos 2000.

2.3. Os primeiros blocos negros no Brasil

Logo após os acontecimentos de Seattle, não tardou para que grupos de militantes brasileiros – com o MST – comesçassem a se articular em coletivos para contruir no país um movimento de resistência à globalização neoliberal. Foi assim que, nos moldes gringos, surgiram os primeiros núcleos brasileiros da chamada Ação Global dos Povos – rede de movimentos sociais que em 1998 criou os Dias de Ação Global – que, articulando-se com outros braços do movimento, ajudariam a organizar os protestos simultâneos que aconteceriam em diversas partes do planeta, cujo principal foco de luta era contra as reuniões das grandes instituições internacionais que sustentavam e representavam o capitalismo e a globalização.

O primeiro Dia de Ação Global que contou com ações no Brasil aconteceu no dia 26 de setembro de 2000, contra uma reunião do FMI que aconteceu em Praga, na República Checa. Neste dia, em São Paulo, um grupo de manifestantes atacou o prédio da Bovespa, o que gerou confronto entre policiais e ativistas. “Na época, o incidente não ganhou destaque na imprensa e o termo “*black bloc*” não foi mencionado, mas a lógica da ação desses militantes, em sua maioria ligados ao movimento anarcopunk de São Paulo, seguia a lógica da tática *black bloc*.” (FIUZA, 2013)

O Brasil – mais precisamente a cidade de São Paulo, novamente – vivenciou novos atos do Movimento Antiglobalização no dia 20 de abril de 2001. Na capital paulista, uma manifestação-bloqueio foi organizada na Avenida Paulista – como sempre palco de grandes manifestações – como parte de uma chuva de protestos convocados em todo o mundo contra a Cúpula das Américas, reunião realizada na cidade de Quebec, no Canadá, na qual líderes dos países de todo o continente discutiram a criação da ALCA, a Área de Livre Comércio das Américas. Foi a primeira vez em que uma manifestação antiglobalização realizada no Brasil ganhou as manchetes da imprensa nacional. Não era pra menos. Naquele ano, um grupo se destacou entre os manifestantes ao adotar a mesma tática do *black bloc* formado em Seattle, em 1999, atacando símbolos capitalistas na Avenida Paulista, como uma loja do McDonald’s. Os jornais, no entanto, não faziam nenhuma referência ao termo “*black bloc*”, muito embora a tática utilizada na Paulista possa claramente ser dos blocos negros.

Em matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo, no dia 21 de abril de 2001, falava-se em uma manifestação anti-ALCA, organizada principalmente por estudantes, grupos anarquistas e punks que terminou em “pancadaria”, após confrontos com a Polícia Militar e depredação de lojas e prédios comerciais na Paulista. A matéria conta que a tropa de choque da Polícia Militar dispersou os manifestantes, liberando todas as vias da avenida:

Na maioria jovens, os cerca de 600 participantes da manifestação, segundo estimativa da polícia, concentraram-se em frente ao prédio da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo), na altura do número 1.100 da avenida Paulista. O primeiro confronto ocorreu em frente ao prédio da Fiesp, onde os policiais tentaram impedir que os manifestantes ocupassem a avenida. Os policiais usaram bombas de gás lacrimogênio e os manifestantes responderam com pedradas e tiros de rojão. O grupo de estudantes atravessou a avenida em direção aos prédios do Banco Central e da CEF (Caixa Econômica Federal), onde novamente houve confrontos com a polícia. Os manifestantes picharam os prédios e apedrejaram o edifício da CEF. No mesmo quarteirão, a loja do McDonald's, para os manifestantes o símbolo do imperialismo norte-americano, foi apedrejada e teve as vidraças quebradas¹².

No mesmo dia, entretanto, uma matéria publicada no mesmo jornal falava sobre os protestos em Québec e, desta vez, faziam menção aos blocos negros. A Folha informava que o bloco negro é formado pelo núcleo mais radical e violento do movimento antiglobalização, tendo sido tais ativistas aqueles que promovem os confrontos violentos com a polícia em protestos como aquele realizado em setembro de 2000, em Praga:

No ato de ontem, o bloco de preto tinha entre 50 e 100 pessoas, que marchavam atrás de uma faixa negra com o escrito "o capitalismo não pode ser reformado". Entre eles, estava um jovem funcionário público de Los Angeles, nos Estados Unidos, que levou uma semana viajando para participar do protesto em Québec. Os integrantes do bloco de preto rejeitam qualquer forma de controle policial, querem destruir o Estado e têm raiva dos ricos. Eles justificam o uso de violência, principalmente contra a polícia, para alcançar seus objetivos. Entre eles, podem ser encontrados anarquistas e punks, com seus penteados espetados, correntes e roupas rasgadas. Na Europa, também participam do bloco preto militantes de um movimento que invade e mora em prédios abandonados. Embora o "bloco de preto" seja uma pequena minoria no movimento antiglobalização, sua presença é marcante. Em todos os grandes protestos, há um pequeno grupo de

¹² Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2104200127.htm>, último acesso em 17 de novembro de 2013.

militantes radiciais que quebra vitrines, joga pedras em policiais, queima carros e gera tumultos nas cidades¹³.

Uma análise cuidadosa das reportagens supracitadas evidencia alguns vícios adotados pela imprensa tradicional – sentidos até hoje – no que diz respeito a motins e manifestações de rua no Brasil. O uso repetitivo do termo “violência” se enquadra no que o historiador Rodrigo Elias chama de críticas apressadas a respeito de um fenômeno muito maior do que o arsenal teórico, que os organismos e ideologias de direita ou esquerdas tradicionais possuem, é capaz de lidar.

Para os jornais, a TV e os críticos mais apressados, entretanto, são simplesmente “mascarados” ou “vândalos” – o que demonstra menos uma disposição para entender o fenômeno, as causas da sua emergência e expansão e mais a adoção de um estereótipo fácil para a imprensa ou conveniente para as forças que estão sendo confrontadas. (ELIAS, 2013)

2.4. Os *Black Blocs* e o fim da História

Outro fator capaz de explicar as incidências *Black Bloc* mundo afora é a própria conjuntura política da década de 1990, após a queda do Muro de Berlim, em 1989. Foi naquele mesmo ano que o cientista político Francis Fukuyama desenvolveu seu célebre argumento sobre o fim da História. Ele defendeu que a queda do Muro de Berlim simbolizava a vitória definitiva do liberalismo político e econômico na batalha contra o socialismo e o comunismo. Na época da Guerra do Golfo, em 1990, perguntaram-lhe se o conflito seria uma prova de que a história estaria longe do fim, ao que ele respondeu afirmando que a operação não passaria de uma nota de rodapé na história dos Estados Unidos.

Por mais combatidos que tenham sido na época, os argumentos de Fukuyama foram sintetizados com um otimismo quase que patológico nos anos seguintes. Em 1989, ainda, economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI e o Banco Mundial, criaram o que ficou conhecido como Consenso de Washington, um conjunto de medidas composto por dez regras básicas que viria a se

¹³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2104200126.htm>, último acesso em 17 de novembro de 2013.

tornar a política oficial do Fundo Monetário Internacional, em 1990, quando passou a ser “receitado” a todos os países em desenvolvimento que precisassem passar pelo que eles chamavam de “ajustamento macroeconômico”. Ou seja, era a ideia de que para se alcançar o desenvolvimento pleno, os países deveriam adotar as medidas neoliberais, a exemplo daqueles que saíram vitoriosos no histórico embate entre Capitalismo e Socialismo.

A ideia de que o colapso do Socialismo na Europa confirmava o triunfo definitivo da democracia liberal produziu um debate gigantesco na época de Fukuyama. Para o historiador Bruno Garcia, da Revista de História da Biblioteca Nacional, a utopia de que a reunificação da Europa e o fim da bipolaridade nos levariam a uma era de progresso, prosperidade e paz foi parida bem ali, no início da década de 1990. E, hoje, olhando para trás, somos obrigados a reconhecer seu fracasso absoluto. “Seja pelos genocídios de Ruanda e Bósnia ou pelas constantes ameaças terroristas desencadeadas no 11 de Setembro, já se sabia que alguma coisa estava fora do lugar. A crise de 2008 foi simplesmente a gota d’água.” (GARCIA, 2011)¹⁴

Não é de se estranhar, portanto, o aumento vertiginoso do número de movimentos antiglobalização e anticapitalistas, que aparecem desvinculados inclusive, ou principalmente, das esquerdas institucionalizadas, representadas por partidos comunistas e sindicatos trabalhistas, em plena década de 1990 e, posteriormente, nos anos 2000. Ora, em um mundo onde a democracia neoliberal é decretada, em consenso, como modelo único de sustentação da geopolítica mundial, qual seria a saída senão a radicalização? Quer dizer, se as pessoas passam a se dar conta de que o mundo não está caminhando para o bem pleno comum, o que fazer?

Trata-se, na verdade, da própria degeneração da política, entendida enquanto campo inevitável de enfrentamentos. (...) Esse surto de protestos atesta, ainda que de forma superficial, um retorno à política enquanto campo de ação de enfrentamentos. Tudo isso realizado por uma geração formada sob efeito letárgico da convicção de que tudo caminhava para um mundo melhor. Isso não poderia acabar muito bem. Talvez essa sensibilidade, essa formação num tédio de falsos acontecimentos seja decisivo para compreender os atuais movimentos. (GARCIA, 2011)

¹⁴ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/serie-indignados/apatia-festiva>, último acesso em 23 de novembro de 2013.

A disseminação da tática *Black Bloc* parece ter ganho vigor durante as últimas duas décadas de utopia neoliberal pregada pelo Capitalismo e sua consequente destruição perante os fatos. Vinte anos de utopia assinalaram a entrada em cena de uma forma peculiar de fazer política, algo que o filósofo francês Jacques Rancière chamou de pós-política.

3. E POR FALAR EM VÂNDALOS: *BLACK BLOC* À BRASILEIRA

“A anarquia ostenta duas faces: a de destruidores e a de criadores. Os destruidores derrubam impérios, e com os destroços, os criadores erguem mundos melhores.”

Alan Moore, V de Vingança (1983)

Imprevisíveis. As manifestações que concentraram multidões nas ruas, em mais de 350 cidades brasileiras, e trouxeram o termo “*black bloc*” à tona, a partir de junho de 2013, foram imprevisíveis. Seguindo o exemplo das revoltas populares que eclodiram no mundo inteiro nos últimos anos, ninguém esperava que fosse acontecer. De início há poucos representantes do movimento, a velha guarda dos movimentos sociais, pode-se dizer (quem sabe), gritando nas ruas como o fizeram a vida inteira de militância. Mas como que em um passe de mágica, a eles juntaram-se centenas, milhares de pessoas, e quando a “tríplice aliança do conservadorismo”, formada pelo Estado, pela grande mídia e pela burguesia, se dá conta, o estrago já foi feito: os manifestantes já são milhões.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells, os focos de revolta popular atuais são fruto de um mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal. De repente, percebeu-se que ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo. O Capital passou de objeto de desejo a alvo de desprezo universal. Os políticos, até então intocáveis, foram expostos ao ridículo, como corruptos e mentirosos. A mídia, suprema dona da verdade, foi posta em xeque. “Nas margens de um mundo que havia chegado ao limite de sua capacidade de propiciar aos seres humanos a faculdade de viver juntos e compartilhar sua vida com a natureza, mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de sermos nós, o povo.” (CASTELLS, 2013, p. 7)

Esta nova leva de movimentos sociais espalhou-se por contágio, como uma gripe, através da internet, e por meio dela se regenera. “O que há de comum entre Tunísia e Islândia?” Indaga o sociólogo Castells. “Absolutamente nada.” Ele mesmo responde, em seu livro *Redes de Indignação e Esperança*, lançado este ano. Nada mesmo. Entretanto, foram as insurgências políticas em 2009-2011 que transformaram as

instituições de governança, em ambos os países. Que se tornaram ponto de referência para os movimentos que arrebentaram os rígidos alicerces que sustentavam a ordem política no mundo árabe e desafiaram as instituições políticas e financeiras na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Durante a primeira grande manifestação realizada na praça Tahrir, no Cairo, no dia 25 de janeiro de 2011, milhares de manifestantes egípcios gritavam que “A Tunísia é a solução!”, palavras de ordem que faziam forte referência à derrubada do ditador Ben Ali, no país africano, em 2009. Já o 15-M¹⁵ – como ficou conhecido o movimento dos Indignados da Espanha – repetia que “A Islândia é a solução!”, enquanto ocupavam as principais praças do país, a partir do dia 15 de maio de 2011 (data que apelidou o movimento). Naquele mesmo ano nascia o *Occupy Wall Street*, no dia 17 de setembro, e os novos iorquinos apelidaram seu primeiro acampamento, no entorno do coração financeiro de Manhattan, de “Praça Tahrir”, da mesma forma que os ocupantes da praça Catalunya o fizeram, em Barcelona.

Tunísia e Islândia foram faíscas de uma indignação generalizada que tomaria conta dos quatro cantos do mundo nos anos seguintes. As cenas vividas nestes locais se repetiram em países como Líbia, Espanha, Egito, Grécia, Turquia, Itália, Rússia... A onda de descrença em seus governantes e na classe política em geral, fossem eles ditatoriais ou, na visão de muitos manifestantes, pseudodemocráticos; e de desprezo e indignação provocados pela óbvia cumplicidade entre as elites financeira e política se alastrou como fogo. É possível interpretar que foi essa revolta que chegou ao Brasil. Sem líderes. Horizontal. Sem apoio da grande mídia. Criminalizados pelo Estado. Muitas vezes sem o apoio, inclusive, da esquerda tradicional que, em sua tentativa “pacífica” de se distanciar dos ditos manifestantes “violentos”, se esqueceu do significado de revolta popular. “Como em todo o mundo, diziam os manifestantes, a democracia tem sido sequestrada por profissionais da política que, em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa de políticos, não dos cidadãos.” (CASTELLS, 2013, p. 178)

¹⁵ O movimento dos Indignados da Espanha ficou assim conhecido, como 15-M, como referência ao dia 15 de maio, quando manifestantes tomaram as ruas com o slogan “Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros”. O termo “indignados” veio a ser popularizado depois, pela mídia.

Quando desafiado em seu poder, o Estado reage segundo seus preceitos institucionais, sejam eles democráticos, ditatoriais ou, no caso do Brasil, uma mistura de ambos. Nosso ainda recente Estado de Direito, reconstruído em 1985, parece hoje dialogar fortemente com seus vínculos nunca desfeitos com o autoritarismo e o terror da Ditadura Militar (1964-1985). Não dando conta de integrar as demandas e projetos de seus desafiantes, o povo, sem prejudicar as bases de suas relações de poder com as instituições financeiras que o sustenta, o governo recorre ao que Castells chama de “essência básica do poder”: o monopólio da violência.

Quando os movimentos são suficientemente determinados para manter uma pressão inflexível sobre o Estado, a despeito da violência que enfrentam, e o Estado resolve recorrer à violência extrema (tanques contra manifestantes desarmados), o resultado do conflito depende da interação dos interesses políticos no país com os interesses geopolíticos a eles relacionados. (CASTELLS, 2013, p. 76)

Quando o Estado responde com violência a manifestações pacíficas e a resistência se torna parte essencial da ocupação das ruas, o ambiente torna-se, automaticamente, fértil e propício ao aparecimento dos *Black Blocs*. Foi nesse contexto que os primeiros blocos negros começaram a se formar durante as Jornadas de Junho¹⁶, no Brasil.

3.1. O Passe Livre e as manifestações-bloqueio em São Paulo

“Não é só pelos 20 centavos. É por direitos.” Desde a marcha pelas Diretas Já, em 1984, quando milhares de pessoas participaram de uma passeata, que começou na Candelária e terminou com um comício na Cinelândia¹⁷, no coração do Rio de Janeiro, a favor do restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República no Brasil, não se via uma movimentação tão grande quanto a que aconteceu nas ruas do país em junho de 2013, e nos meses que se seguiram. Vale lembrar, porém, que até o dia 11 daquele mês, as manifestações contra o aumento das tarifas no transporte público, puxadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), reuniam poucos milhares de jovens nas

¹⁶ O historiador da USP Lincoln Secco faz referência ao termo “Jornadas de Junho” em artigo publicado no livro “Cidades Rebeldes”, em julho de 2013.

¹⁷ Neste dia, o jurista Sobral Pinto (1893-1991) subiu ao palanque carioca das Diretas Já e discursou diante de 1 milhão de pessoas, em defesa da democracia, citando a constituição: “Todo poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido”.

principais capitais do país – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Maceió e Porto Alegre.

A pauta era bem definida, e única. Os manifestantes protestavam contra o reajuste de vinte centavos nas passagens de ônibus e metrô. Faixas com os dizeres “Vamos repetir Porto Alegre!” – cidade onde os protestos causaram a primeira redução das passagens – deixavam claro o caráter efeito dominó que aquelas manifestações carregavam consigo. Encabeçados pelo MPL – que coleciona mobilizações, ainda que sem muita expressão como as de agora, desde 2004, em prol do que eles chamam de “direito à cidade”¹⁸ – em São Paulo, um pequeno grupo de manifestantes conseguiu fechar a Av. Paulista por mais de 5 horas, naquele dia 11 de junho, lançando mão de barricadas em chamas, feitas com sacos de lixo, caixotes, pneus e o que mais encontrassem pela frente.

O feito acabou sendo encarado pelas autoridades – e propagado pela mídia¹⁹ – como um crime contra a ordem pública, baderna, e a resposta do prefeito Fernando Haddad (PT) e do governador Geraldo Alckmin (PSDB) veio por meio de um truculento aparato de “segurança”. Não tardou para que os manifestantes começassem a ser dispersos de forma violenta pela tropa de choque da Polícia Militar.

Na época, o termo “*black bloc*” ainda não havia tomado conta do imaginário popular. E se não aconteceu nas ruas, na imprensa não seria diferente: eram repetidamente taxados de vândalos e baderneiros. Fato é que até aquele momento, o MPL não estava fazendo nada de diferente do que já fazia desde 2004. Era um movimento restrito a um núcleo militante que reunia ativistas do próprio MPL, integrantes de partidos e coletivos libertários – alguns dos quais até viriam a formar *Black Blocs* durante os acontecimentos dos próximos capítulos. A rotina do movimento foi o que a urbanista Raquel Rolnik chamou de “fagulha das manifestações de junho”.

A “fagulha” das manifestações de junho não surgiu do nada: foram anos de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos – o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos

¹⁸ O manifesto do MPL está disponível no site do movimento <http://saopaulo.mpl.org.br/>

¹⁹ No Jornal da Globo do dia 12 de junho de 2013, o comentarista Arnaldo Jabor falou em “ódio violento contra a cidade”, referindo-se aos protestos contra o aumento das passagens dos dias anteriores. Vídeo disponível em <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/t/edicoes/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>, último acesso em 19 de novembro de 2013.

estudantis –, que, entre “catracaços”, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas, como os Comitês Populares da Copa e sua articulação nacional, a Ancop. (ROLNIK, 2013)²⁰

Foi, então, numa quinta-feira, 13 de junho, que surgiu uma nova perspectiva de que algo maior estava para acontecer. Marchas simultâneas aconteceriam em diversas cidades do país, mas foi a de São Paulo, especificamente, que ficou marcada pela violência de uma Polícia Militar que não estava mais a serviço da garantia do direito de se manifestar daqueles cidadãos, mas do Estado em sua mais dura forma de repressão. Só da Folha de São Paulo²¹, seis jornalistas saíram feridos – o que resultou numa nítida mudança de postura editorial por parte do jornal²² – e os ataques imputados contra jovens das classes média e alta paulistanas indignaram uma grande parcela da população, normalmente contrária à militância política. Uma análise qualitativa, realizada pelo Portal Interagentes a partir de uma amostra estatística de postagens no Facebook estimou que, neste dia, a percepção dos usuários da rede social em relação às manifestações era majoritariamente positiva, representando uma parcela de 62% da amostra²³.

O choque diante da brutalidade da PM paulistana, unido à simpatia por uma causa permeada pelo discurso certo do Movimento Passe Livre – a luta pelo direito à circulação livre e irrestrita, à mobilidade, se entrelaçou fortemente com outras pautas urbanas, como a ausência de sistemas integrados eficientes, de serviços públicos de transporte, saúde e educação – transformou a luta contra o aumento das tarifas em uma luta por direitos. Pelo direito de ir e vir, pelo direito de se manifestar, pelo direito a transporte, educação e saúde públicos e de qualidade.

²⁰ Artigo publicado no livro “Cidades Rebeldes”, org. CARTA MAIOR, 2013, p. 7.

²¹ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294799-em-protesto-seis-reporteres-da-folha-sao-atingidos-2-levam-tiro-no-rosto.shtml>, último acesso em 19 de novembro de 2013.

²² No dia 12 de junho de 2013, a capa do jornal Folha de São Paulo estampava uma foto de barricadas feitas com sacos de lixo por manifestantes na Av. Paulista e falava em “confrontos em série e vandalismo”, o editorial defendia um posicionamento mais duro por parte dos governantes e da Polícia Militar (disponível em <http://goo.gl/00ucHf>, último acesso em 19.Nov.2013). Já no dia 14 de junho de 2013, o mesmo jornal trazia, na capa, uma foto da repórter Giuliana Vallone, que havia levado um tiro de bala de borracha no olho, na noite anterior; numa nítida mudança de postura a Folha condenava a repressão policial em seu editorial (disponível em <http://goo.gl/Za3sYE>, último acesso em 19.Nov.2013).

²³ Disponível em <http://portal.interagentes.cc/?p=62>, último acesso em 19 de novembro de 2013.

Num processo em que a população é sempre objeto em vez de sujeito, o transporte é ordenado de cima, segundo os imperativos da circulação do valor. Dessa forma, a população é excluída da organização de sua própria experiência cotidiana da metrópole, organização essa que se realiza principalmente pelo sistema de transporte, o qual restringe a mobilidade ao ir e vir do trabalho e coloca catracas em todos os caminhos da cidade. E, no momento que se fortalecem as catracas, as contradições do sistema tornam-se mais evidentes, suscitando processos de resistência. (MOVIMENTO PASSE LIVRE)²⁴

3.2. 17 de Junho revolucionário

“Rio de Janeiro, sensacional, tomou a Alerj com pedra e pau.” Como aconteceu em outros países, durante suas próprias insurreições populares, de repente, milhares de brasileiros passaram a se dar conta de que podiam, de alguma forma, ocupar as ruas como forma de demonstrar sua insatisfação com o fazer político brasileiro. “Em um desses raros momentos da história nacional, o cidadão comum percebeu que a política não é propriedade privada dos políticos profissionais, e se deu conta de que ela se faz no dia a dia, na rua, em vários lugares. De vez em quando, até no Congresso.” (FIUZA, 2013)

Para o dia 17 de junho, foram marcadas grandes manifestações por todo o país. Cada evento no Facebook exibia links para outros vinte, trinta, quarenta eventos nas grandes capitais e não só, pequenas e médias cidades estavam aderindo às manifestações. Aqui, o movimento que ganhara as ruas brasileiras, mais uma vez, se assemelhava aos que eclodiram mundo a fora. Para o sociólogo Manuel Castells, uma das principais características destes movimentos é que eles são conectados em redes de formas múltiplas. “Embora esses movimentos geralmente se iniciem nas redes sociais da internet, eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano.” (CASTELLS, 2013, p. 160)

Naquela segunda-feira, 17 de junho, só no Rio de Janeiro, 100 mil pessoas marcharam pela Rio Branco, uma das principais avenidas do centro da cidade. Este foi, talvez, o início de um protagonismo que seria fortemente sentido não só pelos jovens

²⁴ Artigo publicado no livro “Cidades Rebeldes”, org. CARTA MAIOR, 2013, p. 13.

cariocas que tomavam as ruas, mas também por seus governantes²⁵, ao longo dos meses seguintes, na cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016. O protesto teve início às 17h, com concentração na Candelária, e seguiu em caminhada até a Cinelândia – a praça carioca, considerada um símbolo histórico da luta popular contra o Golpe Militar de 1964, viria, mais tarde, a se tornar palco de resistência durante as manifestações que se estenderam durante todo o segundo semestre de 2013.

A Avenida Rio Branco ficou completamente lotada de manifestantes em toda sua extensão. Os manifestantes portavam cartazes e faixas, e gritavam palavras de ordem durante todo o percurso. Um slogan dizia “Não é Turquia, não é Grécia, é o Brasil saindo da inércia!”, fazendo menção a dois países onde, àquela altura do campeonato, manifestantes travavam batalhas pessoais contra seus respectivos governos²⁶. “As manifestações de 17 de junho abriram a caixa de Pandora, e gente de absolutamente todas as tendências políticas foi para a rua. Por um breve momento, a elite mais reacionária marchou ao lado do militante mais revolucionário. Mas em algum momento a contradição teria de aparecer.” (FIUZA, 2013)

Assim como no Rio de Janeiro, a manifestação que aconteceu em São Paulo entrou para a história da cidade. A Polícia Militar estimou a presença de 65 mil no ato. Porém, o MPL e outros setores da imprensa calcularam que o público tenha passado dos 100 mil. A marcha, que partiu do Largo da Batata, se dividiu em três grupos: o primeiro seguiu pela Avenida Faria Lima; o segundo ocupou a Avenida Paulista e o último caminhou para Marginal Pinheiros, de onde seguiu para o Palácio dos Bandeirantes. Em Brasília, no Distrito Federal, mais uma surpresa: cerca de 10 mil pessoas foram à Esplanada dos Ministérios protestar, com pautas diversas, de saúde à educação. Às 21h daquela noite, algumas centenas de manifestantes conseguiram ocupar a marquise do

²⁵ No dia 19 de julho, por exemplo, um decreto assinado pelo governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral, criaria uma Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo. Para alguns especialistas, o decreto demonstrava um ato de desespero diante dos protestos. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/sem-rumo>, último acesso em 20 de novembro de 2013.

²⁶ Disponível em <http://revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/a-cinelandia-de-istambul>, último acesso em 20 de novembro de 2013.

Congresso Nacional²⁷. Protestos são comuns na Esplanada dos Ministérios. O que chamou a atenção desta vez foi que os manifestantes não se limitaram a gramado do Congresso²⁸.

Em muitas cidades brasileiras, esta segunda-feira superou as expectativas. O Brasil estava diante de um movimento de escopo nacional, que reverberou até em colônias de brasileiros no exterior e ganhou a imprensa internacional²⁹. No entanto, foi no Rio de Janeiro que um ato de maior expressão causou polêmica entre manifestantes e opinião pública: um grupo destacou-se da massa e seguiu rumo ao Palácio Tiradentes, sede da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Os manifestantes tomaram de assalto o prédio do governo, “de pedra e pau”, alguns móveis foram queimados e, nos arredores, carros da imprensa foram incendiados, bancos destruídos e muros pichados³⁰.

Manifestantes que transformam seus corpos em catapultas, que atiram pedras em barreiras num espaço que exige uma outra disciplina (ou *uma* disciplina), quebrando a rotina e a tranquilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política, demonstram (pelo menos em certo período e espaço) a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina. As ruas não são o local no capitalismo para corpos atirarem pedras e nem serem barricadas, e não são o local para enfrentamentos econômicos e políticos. (...) O sinal dado pela indisciplina em massa, que enfrenta o delito e a loucura (a marginalidade), assusta e pressiona muito mais os que estão no poder do que outras formas de manifestação, por ser já um rompimento com a disciplina do sistema, antecipando a imagem de um rompimento total. (NED LUDD (org.), 2002, p. 14)

Embora o termo “*black bloc*” tenha permanecido no “anonimato” até meados de julho, quando a utilização da tática se fortaleceu nas ruas, pode-se dizer que aquele 17

²⁷ Além destas, outras cidades como Natal, Belo Horizonte, Juazeiro do Norte, Goiânia e Porto Alegre aderiram aos protestos de 17 de junho. A Revista Fórum realizou um levantamento das principais manifestações que ocorreram durante as chamadas Jornadas de Junho, em todo o país, disponível em <http://revistaforum.com.br/blog/2013/09/uma-cronologia-das-manifestacoes/>, último acesso em 20 de novembro de 2013.

²⁸ Disponível em <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/manifestantes-ocupam-cobertura-do-congresso-nacional-em-brasilia.html>, último acesso em 05 de dezembro de 2013.

²⁹ O jornal francês *Le Monde* repercutiu as manifestações crescentes desde o dia 17 de junho, denunciando o auto custo dos futuros megaeventos no país e a má qualidade nos serviços públicos. Disponível em http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/26/le-bus-a-rio-une-des-experiences-les-plus-eprouvantes-du-quotidien_3436300_3222.html, último acesso em 20 de novembro de 2013.

³⁰ Ao longo da noite do dia 17 de junho de 2013, a Agência Brasil divulgou nota sobre os acontecimentos na Alerj. Disponível em <http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2013-06-17/manifestantes-no-rio-deixam-rastro-de-destruicao-nas-proximidades-da-alerj>, último acesso em 20 de novembro de 2013.

de junho representou a estreia das ações diretas nas manifestações de 2013, no Rio de Janeiro. Os ataques aos bancos e a um prédio público foram claras demonstrações de insatisfação frente ao poder do Estado e ao poder capitalista, características dos blocos negros. Quase que comprovando o poder transformador da “baderna”, os governantes do Rio e de São Paulo anunciaram, dois dias depois, em 19 de junho, a revogação do reajuste nas tarifas dos transportes públicos³¹.

3.3. Não vai ter Copa!

As conquistas do dia 17 de junho vieram para engrossar o caldo de uma insatisfação popular que começou simples, por vinte centavos, mas que logo se transformou numa confluência de pautas e demandas, muitas delas ligadas aos gastos exorbitantes com a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Rapidamente, um novo grande ato foi marcado para o dia 20 de junho, novamente em diversas cidades brasileiras. Para o historiador Bruno Fiuza, tudo que havia acontecido até ali, foi apenas um prelúdio do que viria a seguir. A clara distinção entre manifestantes “pacíficos” e “violentos”, entre “partidários” e “apartidários”: o 20J seria o 17J multiplicado por dez.

Aquilo era a Revolução Francesa. As reivindicações mais contraditórias conviviam nos cartazes empunhados por grupos sociais muito diferentes entre si, muitos deles antagônicos. O pessoal das bandeiras verde-amarelas e dos slogans moralistas era claramente uma elite que tinha pouco ou nada a ver com os anarquistas e trotskistas que circulavam com palavras de ordem anticapitalistas. (FIUZA, 2013)

Mais de 1 milhão de pessoas foram às ruas³², em todo o país, no dia 20 de junho de 2013. Tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, integrantes da extrema-direita à extrema-esquerda estiveram presentes. O PT, partido da presidenta Dilma Rousseff, assim como PSTU e PCdoB, havia convocado sua militância³³ às ruas. Era uma bomba-

³¹ Em SP, a tarifa de ônibus, metrô e trem voltou para R\$ 3 e no RJ, o preço das passagens de ônibus caiu para R\$ 2,75. Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/cai-o-preco-das-passagens-em-sao-paulo>, último acesso em 20 de novembro de 2013.

³² Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>, último acesso em 20 de novembro de 2013

³³ Após manifestantes rejeitarem a participação dos partidos políticos, em protestos anteriores, o presidente nacional do PT convocou a militância do partido para participar da manifestação marcada para

relógio prestes a explodir. “Aqueles militantes tinham todo o direito de estar lá. O problema era: vai explicar isso para a elite raivosa que, estimulada pelas mobilizações, passou a expor em praça pública seu ódio pelo PT.” (FIUZA, 2013)

Com a revogação do aumento das tarifas, a única bandeira que unificava aquela multidão de opositos deixou de existir e, sem o elemento unificador, as profundas contradições já existentes entre os grupos que estavam nas ruas começaram a aparecer. Em julho, grandes mobilizações que prometiam unificar todos os setores da esquerda, para responder aos ataques físicos e morais sofridos, se transformariam em atos dominados por centrais sindicais e militantes profissionais, incapazes de atrair os cidadãos comuns para junto deles. Já convocatórias de direita contra a corrupção se tornariam pequenos atos isolados, dissipando o medo de alguns militantes da esquerda de que as Jornadas de Junho pudessem abrir caminho para uma escalada fascista.

Por fim, os radicais de esquerda se deram conta de que o mar de gente que saiu às ruas em junho não era tão anticapitalista assim e passaram a se organizar de formas isoladas, pregando a já citada horizontalidade antiburocrática e antiautoritária, que os movimentos autônomos costumam defender.

No Rio de Janeiro, no entanto, não foi a atuação fascista dos manifestantes de direita que marcou a noite do dia 20 de junho. Assim como não foram os arrastões propagados pela mídia, em especial pela Rede Globo, que fazia transmissão ao vivo da “atuação dos vândalos” – através do seu canal de TV por assinatura, a Globo News. Naquela noite, um forte aparato de segurança pública foi posto na rua. Aos batedores do choque se juntaram os ameaçadores caveirões (os blindados) do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar carioca, o Bope. A manifestação que praticamente fechou, mais uma vez, uma das principais avenidas do centro da cidade, a Presidente Vargas, foi encurralada. Manifestantes que tentavam voltar para casa de metrô, não conseguiram, pois todas as estações foram fechadas às 20h. Quem conseguiu chegar na altura do prédio da prefeitura, passou maus bocados: foram recepcionados com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo³⁴. A polícia fechou o cerco, encurralou manifestantes em

o dia 20 de junho. Disponível em <http://noticias.r7.com/brasil/presidente-do-pt-convoca-militantes-para-participar-de-protesto-em-sp-ninguem-tem-direito-de-proibir-20062013>, último acesso em 20 de novembro de 2013

³⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

becos do centro da cidade, e os perseguiu pelas ruas. A caça aos manifestantes foi tão contundente que chegou à Lapa, onde pessoas que nada tinham a ver com o protesto levaram spray de pimenta na cara e apanharam dentro dos bares. Os tiros de bala de borracha podiam ser ouvidos em bairros da Zona Sul, como Catete, Glória e Flamengo – adjacentes ao Centro – e a perseguição virou noite adentro.

Acontece que, além da questão da tarifa, no Rio de Janeiro, havia (e ainda há) outras bandeiras capazes de sustentar o movimento de forma mais unificada nas ruas: a oposição ao governador Sérgio Cabral e a desmilitarização da polícia. “E talvez seja por isso mesmo que lá os *Black Blocs* tenham se tornado mais fortes e atuado de forma mais coerente.” (FIUZA, 2013) Ou seja, ao tratar as manifestações como caso de polícia, o governador fez com que a tática não apenas despontasse no Rio de Janeiro, mas, indo além, fez com que voltasse às origens, atuando como uma força de organização popular de defesa dos movimentos sociais.

As Jornadas de Junho foram encerradas na capital carioca com uma grande convocação. No dia 30 daquele mês, o Estádio Mário Filho, o Maracanã, recepcionaria a final da Copa das Confederações. Assim como o evento seria um treinamento, em termos organizacionais, para a Copa do Mundo de 2014, para os manifestantes não deixou de ser uma preparação para os protestos que, esperava-se, se fortalecerão no ano que vem. Faixas e palavras de ordem davam o recado: “Não vai ter Copa!”. Mais uma vez, o Bope – conhecido por sua bruta atuação dentro das favelas³⁵ – foi para a rua e a repressão não deixou que os manifestantes se aproximassem do estádio. Um *Black Bloc* foi formado, quando manifestantes empunhando bandeiras negras tomaram a linha de frente, isolando manifestantes comuns do cordão formado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). A noite terminou em confronto, depois que aquela parcela de manifestantes forçou as grades que os impedia de chegar ao estádio Maracanã. O

³⁵ No dia 24 de junho, uma batida policial na comunidade Nova Holanda, no Complexo da Maré, havia deixado dez mortos. Com a justificativa de que pessoas se aproveitaram de uma manifestação, que ocorria na Avenida Brasil, para fazer arrastão, policiais do Bope ocuparam a favela. Um sargento morreu e a reação foi violenta, varando a madrugada. Os mortos da Maré, para as pessoas que já estavam nas ruas, foi mais um motivo para permanecer nela, fazendo reverberar – em meio aos protestos contra os megaeventos que a cidade se prepara para receber – a discurso da desmilitarização da polícia, do fim das Unidades de Polícia Pacificadoras e da cidade partida. A jornalista Eliane Brum, na época, escreveu “a classe média sente os feridos da paulista e ignora os mortos da Maré”. Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/07/classe-media-sente-os-feridos-da-paulista-e-ignora-mortos-da-mare.html>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

batalhão de choque reagiu sem economizar no gás lacrimogênio, e muitos saíram feridos com tiros de bala de borracha na cabeça. A “Copa das Manifestações”, como ficou conhecida, inclusive na imprensa internacional³⁶³⁷, foi, para muitos, um retrato do que estava por vir em 2014; e um marco simbólico da resistência que tomaria as ruas nos meses seguintes.

A atuação violenta da Polícia Militar se estendeu pelo mês de julho, inclusive em protestos realizados durante a Jornada Mundial da Juventude, quando o Papa veio ao Brasil, mais especificamente ao Rio de Janeiro. Na prática, um tipo de ação abusiva que é comum em muitos lugares, mas que se tornou visível para boa parte de uma parcela da população carioca que nunca havia acompanhado *in loco* ou mesmo por outros meios esse tipo de ação.

Diversos fatores já foram listados como causadores das grandes manifestações que o Brasil viu no mês de junho e que ainda vê, em grau distinto, nas ruas do país. Mas se há um consenso sobre uma das questões que teria funcionado como catalisadora dos protestos, ele diz respeito à repressão policial vista em inúmeras cidades. Em um dos grandes atos realizados na cidade de São Paulo que contou, de acordo com estimativas corrigidas posteriormente, com 300 mil pessoas em 17 de junho, a ação repressiva era apontada como uma das principais razões que teria levado pessoas que nunca haviam participado de manifestações a irem às ruas. Mas as ações da polícia proporcionaram cenas lamentáveis em vários outros locais. No Rio de Janeiro, por exemplo, elas não se limitaram apenas aos protestos de junho. (ROUSSELET, FARIA e CARVALHO, 2013)³⁸

Assim como no dia 30 de junho, nos arredores do Maracanã, no dia 22 de julho de 2013 um protesto realizado nas imediações do Palácio Guanabara, sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em Laranjeiras, contou com mais uma formação de *Black Bloc*. A esta altura, o termo já havia se popularizado, e se tornado recorrente no imaginário das ruas e dos próprios manifestantes, que passaram a conviver com aqueles blocos maciços de pessoas vestidas de preto em toda e qualquer manifestação que tomasse de assalto as ruas da cidade. A tática já vinha sendo colocada em prática em

³⁶ Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130630_final_confederacoes_cq_rw_cc.shtml, último acesso em 21 de novembro de 2013.

³⁷ Disponível em <http://www.theguardian.com/world/2013/jun/15/brazil-violent-clashes-police-protests>, último acesso em 21 de novembro de 2013

³⁸ Disponível em <http://revistaforum.com.br/blog/2013/09/desmilitarizacao-um-debate-inadiavel/>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

atos contra a Rede Globo, tanto no Rio quanto em São Paulo. No dia 17 de julho, um bloco negro saiu pelas ruas do Leblon – bairro nobre do Rio de Janeiro – e destruiu não apenas um prédio da emissora localizada na região, como, também, bancos e lojas como a da marca Toulon. O evento ficou marcado por uma profunda rejeição por parte dos moradores do metro quadrado mais caro do Rio, que chegaram a colocar flores na sacada da loja, completamente destruída, na manhã seguinte. Falou-se em violência e, muito embora a expressão “*black bloc*” já houvesse caído na boca do povo que se recusava a sair das ruas naquele momento, a mídia tradicional – endossando o discurso marginalizante do Estado e sendo endossada pela opinião pública, principalmente pelas classes mais altas da sociedade carioca – preferiu recorrer às usuais terminologias: “vândalos” e “baderneiros”.

Com certeza não se deve deixar de criticar ou discordar das ações dos *Black Blocs* com base em aspectos táticos ou de efetividade, caso a caso, mas o simples apelo à categoria moral *violência*, quando se está a enfrentar a força repressiva do Estado, faz tanto sentido quanto atirar balas de borracha neles ou prendê-los. Ou seja, só faz sentido, só é racional, para aqueles que consciente ou inconscientemente defendem a ordem instituída e a vida miserável naturalizada no capitalismo. (NED LUDD (org.), 2002, p. 12)

No dia 19 de julho, um decreto assinado pelo governador do Rio de Janeiro Sergio Cabral, em muitos aspectos, demonstrava a sobrevivência do funcionamento das instituições jurídicas dentro de uma norma ditatorial. O polêmico documento criava a Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (Ceiv) que, mais tarde, levaria o governante a se retratar, diante de uma chuva de críticas, e esclarecer que “em momento algum” a comissão iria quebrar sigilos telefônicos e de internet de pessoas envolvidas nos protestos, como sugeria o papel. Fato é que o artifício gerou ainda mais instabilidade para o governo, já tão desacreditado pelos manifestantes.

Quando o Papa Francisco finalmente desembarcou no Rio de Janeiro, os ânimos já estavam para lá de exaltados diante da inconstitucionalidade do Estado e sua “caça as bruxas”. E a manifestação que cobriu parte da Rua das Laranjeiras, no dia 22 de julho, para “recepciona-lo”, só tornou ainda mais tensa toda aquela conjuntura. A repressão foi intensa, como o havia sido desde junho. Mas algumas táticas da Polícia Militar, como a utilização de policiais infiltrados dentre os manifestantes (os chamados P2), até então pouco conhecidas dentro do âmbito dos protestos que tomavam as ruas do Rio, vieram

corroborar para que as suas ações caíssem em descrédito e fosse alvo de crescentes críticas.

Naquela noite, um estudante foi preso sob a suspeita de lançar coquetéis *molotov* contra policiais. Seu depoimento prestado na delegacia, no entanto, contrariava todas as versões “oficiais” das polícias civil e militar. Foi apenas depois de uma campanha realizada na internet, e endossada por manifestantes de todo o Brasil, que imagens que comprovavam a inocência do rapaz vieram à tona e ele acabou sendo solto³⁹. A movimentação também ajudou a desmascarar a atuação dos policiais infiltrados, que teriam forjado as provas que levaram àquela prisão. No mesmo dia, outro fato que evidenciou a má atuação da polícia foi a prisão de integrantes do coletivo Mídia NINJA (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), acusados de incitação à violência, por estarem fazendo transmissão ao vivo dos protestos. Em pouco tempo, as pessoas outrora dispersas pelas balas de borracha do batalhão de choque se reagruparam na porta da delegacia pedindo a liberação dos rapazes. Em depoimento publicado no Facebook, um dos repórteres ressaltou a união entre rua e rede:

Naquele ponto, ao meu redor, mil pessoas tomavam a escadaria da igreja do Largo do Machado. Inconformadas após a investida da tropa de choque contra os manifestantes que, meia hora antes, já começavam a se dispersar. Seria, em tese, o final das manifestações nos arredores do Palácio Guanabara. Mas a polícia preferiu atacar. Comigo, 10.000 pessoas assistiam a transmissão da Pós-TV⁴⁰. Desde as 14h eu estava com a equipe da Mídia NINJA em campo transmitindo o primeiro dia da visita do papa ao Rio de Janeiro. Às 20h30 um policial à paisana me puxa pelo braço. A comoção foi muito grande. Maior do que podia imaginar. Centenas de pessoas cercaram o carro da polícia enquanto confiscavam meu celular à força e tentavam partir para a 9ª DP. Dentro da delegacia a narrativa foi burocrática. Em poucos instantes surge mais um NINJA na sala de espera. Foi detido também. Porque estava ao vivo. Enquanto aguardava as providências, alguns rumores no ar. “A manifestação está vindo pra cá”, comentam os oficiais entre si. Depois de 30 minutos já se ouve o grito nas ruas: “Ei polícia, solta a Mídia NINJA!”. Ao sair senti milhares de pessoas vibrarem. Ali diante da 9ª DP - e diante de seus computadores, onde quer que estivessem. A fusão entre a rede e a rua se mostrou mais clara. Eles tentaram derrubar nossa transmissão ao deter um, dois, três NINJAS. Mas eles

³⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/inquerito-diz-que-manifestante-presno-no-rio-nao-portava-coquetel-molotov.html>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

⁴⁰ Segundo descrição na página do Facebook “a PosTV é a verdadeira TV aberta. Onde não existe censura, as pessoas falam livremente e não se depende de patrocínio, o patrocinador é o povo, as entidades e os movimentos sociais.” Disponível em <https://www.facebook.com/canalpostv>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

não entenderam que não é uma câmera, um repórter... É uma rede. Podem até derrubar um. E assim surgem outros 1.000⁴¹.

A interação crescente entre redes e ruas é algo que o sociólogo Castells destaca como movimentos que são simultaneamente locais e globais. “Começam com contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet.” (CASTELLS, 2013, p. 161) E no Brasil, esta confluência de arquétipos (rede e rua) foi amplamente disseminada pelas tais narrativas independentes da Mídia NINJA. Embora o coletivo de midialivristas não tenha completado nem dois anos desde a sua criação, sendo pega completamente de surpresa – como todos o foram – pelas manifestações que explodiram no país em 2013, sua atuação mesclou-se ao imaginário das ruas, fazendo pipocar centenas de outros coletivos independentes que se utilizam das redes e das tecnologias para construir uma nova forma de ação midiática.

A atuação da mídia alternativa durante os protestos tem tido papel fundamental no que diz respeito à democratização da informação, mas não só, tem papel de pulverizadora daqueles imaginários que nascem nas ruas e se tendem a se popularizar através das redes, como as táticas utilizadas pelos blocos negros, aqui em análise. Fato é que, não fosse a presença desses repórteres munidos de smartphones, tecnologias de transmissão ao vivo via redes sociais e o fôlego que os mantém na linha de frente, talvez as ações dos *Black Blocs*, criminalizadas pela grande mídia, permanecessem obscurecidas na espécie de limbo que de início separava “as minorias vândalas” de “manifestantes pacíficos”.

As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar, expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada. (CASTELLS, 2013, p. 167)

⁴¹ Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/07/reporter-ninja-relata-detalhes-e-covardia-de-sua-prisao.html>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

3.4. Ocupações políticas e a greve dos professores

É importante frisar que, durante cerca de cinco meses – entre os meses de junho a outubro, mais ou menos –, no Rio de Janeiro, a manutenção do movimento, unificado pela resistência frente ao governador Sérgio Cabral, gravitou entre duas ocupações urbanas: da Cinelândia ao Leblon, às vezes passando por Laranjeiras, para uma onda de gritos e palavras de ordem em frente ao Palácio Guanabara.

Em meados de julho, um grupo de jovens munidos de faixas, cartazes e colchonetes, resolveu fixar acampamento na calçada da Avenida Delfim Moreira, esquina com a Rua Aristides Espínola, em frente à residência do governador, na altura do Posto 12, na orla do Leblon. Durante dois meses, o Ocupa Cabral – como ficou conhecido aquele movimento – permaneceu ativo em plena Zona Sul carioca, exigindo o impeachment de Sérgio Cabral por corrupção e improbidade administrativa, além de respostas sobre o paradeiro de Amarildo Souza, o pedreiro morador da Rocinha desaparecido desde o dia 14 de julho, após ser levado para “averiguação” por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da favela.

Era fácil perceber o quanto a ocupação incomodava não só à burguesia, como ao próprio governador Sérgio Cabral, que chegou a pedir, em nome de seus filhos pequenos, para que os militantes se retirassem do local⁴². Embora uma parcela dos moradores do setor imobiliário mais caro do Rio de Janeiro apoiasse as reivindicações daqueles manifestantes, a maioria pedia o endurecimento da repressão contra os militantes que ocupavam aquele espaço. A situação de tensão chegou a tal ponto que, no dia 31 de agosto, em artigo publicado no jornal O Globo, o jornalista Guilherme Fiuza chegou a falar em cumprimento da lei contra os “lunáticos”⁴³ ali ocupados: “Há uma favelinha ninja ocupando, há meses, duas faixas da Avenida Delfim Moreira, a pretexto de pedir a saída do governador. Prezadas autoridades: tomem vergonha, cumpram a lei contra os lunáticos e devolvam as ruas ao cidadão”.

⁴² Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/04/governador-do-rio-diz-que-ficou-incomodado-com-manifestacao-na-porta-de-casa.htm>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

⁴³ Disponível em <http://oglobo.globo.com/opiniao/lunaticos-go-home-9765653>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

Mas foi em agosto, mais precisamente no dia 9, numa sexta-feira, que a resistência através da ocupação de espaços públicos no Rio de Janeiro ganhou forma e peso político. Exigindo a anulação da instalação da CPI dos Ônibus, que ocorrera naquela tarde, um grupo de manifestantes ocupou as instalações da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, na Cinelândia, para reivindicar que a mesma fosse reinstalada de forma legítima, já que na reunião restringiu-se o acesso da população, a votação foi feita às pressas, com microfones cortados e portões fechados, desrespeitando seu caráter público e, à princípio, democrático. Os ocupantes exigiam, ainda, a renúncia de parte dos membros formadores da CPI, visto que a maioria de seus componentes não havia votado a favor de sua abertura.

Esta havia sido a terceira tentativa de ocupação do interior da Câmara Municipal. Na noite anterior, quando cerca de 300 manifestantes forçaram a porta de entrada do Palácio Pedro Ernesto para tentar acompanhar a primeira reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Ônibus, prevista para o dia seguinte, foram duramente reprimidos pela Polícia Militar. Um grupo de militantes mascarados formou um *Black Bloc*, que acarretou na destruição da fachada do prédio da EBX – empresa do magnata Eike Batista, um dos grandes alvos dos protestos que acontecem no Rio de Janeiro desde junho – e de alguns bancos nos arredores. Certa vez, através de sua página no Facebook, o Ocupa Câmara Rio – como ficou conhecido o coletivo – postou uma foto das vidraças arrebentadas da EBX, com uma legenda que não deixava margem para dúvidas quanto à indignação dos manifestantes:

Eike Batista, essa infame figura que mamou nas tetas do BNDES por tantos anos e bradou aos quatro ventos o quão poderoso era; esse ser que se regozijava em dizer que era o cidadão mais rico desse país; essa criatura que encobertou o crime do filhinho playboy assassino de trabalhador; esse homenzinho desprezível e vaidoso que recebe tantos benefícios da dupla Cabral-Paes para brincar de Sim City com o Rio de Janeiro como se fosse seu quintal particular; agora em falência, apenas representa um exemplo da derrocada desse atual sistema capitalista desigual e assassino que vai cair... Pra quem você vai pedir empréstimo agora pra arrumar suas vidraças?⁴⁴

O objetivo da CPI era investigar os contratos entre a prefeitura do Rio e as concessionárias que exploram os serviços de ônibus urbanos na cidade. O objetivo do

⁴⁴ Disponível em

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=584535291605395&set=pb.561611337231124.-2207520000.1385611519.&type=3&theater>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

Ocupa Câmara Rio era pressionar para que esta investigação fosse realizada sem acabar em “pizza”, como diz o jargão popular. Não tardou para que, além da ocupação interna, cerca de trinta barracas ocupassem o espaço externo, a praça pública. As escadarias da Câmara se transformaram num palco em constante ato cênico-político, da encenação ao debate. Aulões públicos foram realizados todos os dias. Grupos musicais e companhias de teatro se apresentaram. E filmes foram projetados nas paredes do prédio do governo. O “Ocupa” – como foi apelidado pelo coletivo – se caracterizou pelo caráter aberto, suprapartidário e horizontal, pregado por seus integrantes. Seja na cozinha, na biblioteca ou na sala improvisadas na praça pública, pessoas de diversas idades e classes sociais ajudaram a construí-lo. Algo bem próximo do que Manuel Castells descreve a respeito do 15-M, na Espanha:

Os Indignados é um movimento de múltiplos e ricos discursos. Slogans criativos, frases de efeito, palavras significativas e expressões poéticas constituíam um ecossistema de linguagem indicativo de novas subjetividades. (...) O movimento estendeu os valores presentes nesse projeto de economia alternativa à formação de um projeto político igualmente alternativo. Em ambos os casos, a construção da autonomia do indivíduo e a conexão em rede de indivíduos autônomos para criar novas formas de vida compartilhadas são as motivações principais. (CASTELLS, 2013, p. 99-101)

Durante os dois meses em que o Ocupa Câmara permaneceu ativo fisicamente, com suas barracas montadas em praça pública, ele virou alvo de batidas policiais e foco de resistência de militantes de todo o Rio de Janeiro. Todos os atos começavam ou se encerravam na Cinelândia. Todas as reivindicações, da questão dos transportes – que acabou dando origem a uma Assembleia Popular de Investigação dos Transportes⁴⁵ – aos professores das redes estadual e municipal de Educação – que entraram em greve e decidiram montar, também, um acampamento em frente à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) –, tinham como exemplo a ocupação da Câmara dos Vereadores. Não é por acaso, portanto, que os *Black Blocs* cariocas desempenharam um papel fundamental de autodefesa do movimento, diante das sucessivas investidas e desproporcional repressão por parte da Polícia Militar àqueles manifestantes. Dentro do âmbito daquelas ocupações, por diversas vezes, os adeptos da tática *Black Bloc* atuaram como uma organização popular de defesa, seja compondo os chamados GTs de

⁴⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/events/169452269915117>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

Segurança⁴⁶, seja tomando a linha de frente quando em situações de confronto com a polícia. No que tange a atuação de *Black Blocs* no âmbito das ocupações, tem-se alguns episódios marcantes, durante o período em que o Ocupa Câmara Rio permaneceu ativo, mas principalmente durante o período de greve dos profissionais da Educação.

O primeiro ocorreu no dia 28 de setembro, quando um efetivo da tropa de choque da PMERJ retirou à força, numa noite de sábado, um grupo de profissionais da Educação que, em greve, ocupava o interior da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Desde o dia 26 daquele mês, professores e funcionários da rede municipal ocupavam o local a fim de reivindicar melhores salários e planos de carreira. No momento da desocupação, os policiais abusaram dos já usuais spray de pimenta e gás lacrimogênio, mas foram além: o uso excessivo da força levou ao menos 20 manifestantes para o hospital feridos gravemente. Durante o confronto com a polícia, os *black blocs* saíram em defesa dos professores. A intervenção dos adeptos da tática *Black Bloc* gerou comoção em grande parte dos profissionais da Educação a ponto destes declararem, em assembleia do SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação), apoio incondicional àqueles meninos e meninas que formam os blocos negros⁴⁷.

Depois, durante dois dias seguidos, tanto no dia 30 de setembro quanto no dia 1º de outubro, em resposta às agressões físicas sofridas pelos professores no dia 28, milhares de pessoas voltaram às ruas em protestos a favor da greve da Educação, que continuava em vigor. A repressão foi contundente e o acampamento em frente à Câmara Municipal sofreu as piores investidas policiais já imputadas contra aqueles manifestantes. No dia 30, os *Black Blocs* formaram barricadas nas ruas, no entorno da Cinelândia, e tentaram invadir o Palácio Pedro Ernesto, sede do legislativo, munidos de pau, pedra e coquetéis *molotov*. As investidas deram início a uma verdadeira batalha campal travada contra os policiais. Neste dia, os manifestantes foram acuados contra a escadaria da Câmara dos Vereadores, enquanto a tropa de choque avançou sobre as barracas lançando bombas de gás lacrimogênio e dando tiros de bala de borracha.

⁴⁶ GTs ou Grupos de Trabalho são divisões organizacionais criadas dentro de ocupações de caráter horizontal para facilitar a divisão de tarefas e cumprimento das mesmas. Um GT de Segurança tem, basicamente, a função de fazer rondas noturnas e evitar demais problemas e confrontos no acampamento, seja com a polícia, seja com grupos ideologicamente opositores do movimento.

⁴⁷ Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/node/26240>, último acesso em 22 de novembro de 2013.

O dia seguinte, no 1º de outubro, seria o dia da votação do projeto de lei do Plano de Cargos, Carreiras e Remunerações (PCCR) dos professores do município e a Cinelândia amanheceu enjaulada. O projeto, assinado pelo prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes, na visão dos profissionais da Educação em greve, não atendia às suas demandas e deveria ser revisto. Para impedir novos levantes da população e tumulto durante a votação, grades altíssimas foram implantadas pelas ruas do Centro, no entorno da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, impedindo o ir e vir de transeuntes. Por volta das 15h da tarde, os confrontos entre manifestantes e efetivos da PMERJ começaram – quem tentou chegar até à praça depois deste horário teve problemas com as barreiras policiais que fechavam ruas, inclusive, nos arredores do Largo da Carioca. Ao fim do dia, contabilizou-se cerca de dez ataques com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha contra os manifestantes que insistiam em resistir na praça da Cinelândia. Os confrontos viraram a noite e os grupos de ativistas remanescentes por volta das 23h da noite era compostos, basicamente, por integrantes do Ocupa Câmara e militantes *Black Blocs*⁴⁸.

Como resposta à toda aquela repressão e violência imputadas contra professores e manifestantes, a página do Black Bloc RJ, no Facebook⁴⁹, convocou um grande ato para a semana seguinte que passou a ser chamado de “7 de outubro negro”. Neste dia, o bloco negro transformou o Centro do Rio de Janeiro em caos. Algumas lojas, como a da empresa de telefonia Nextel, foram destruídas, além das usuais agências bancárias; e desta vez, ainda, alguns ônibus foram atacados, sendo utilizados como barricada, para impedir que a tropa de choque avançasse sobre manifestantes, e um ônibus em chamas acabou sendo jogado contra uma agência do Itaú⁵⁰. Durante um ato paralelo organizado em São Paulo, em apoio aos cariocas, os Black Blocs viraram viaturas policiais na Avenida Paulista.

⁴⁸ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/10/1350137-sob-protestos-camara-municipal-inicia-votacao-de-plano-de-carreira-de-professores.shtml>, último acesso em 22 de novembro de 2013.

⁴⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ?fref=ts>, último acesso em 22 de novembro de 2013.

⁵⁰ O coletivo de mídia independente Mariachi faz um apanhado com as imagens mais marcantes do ato. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=252RMDt-ygg>, último acesso em 22 de novembro de 2013.

A situação no Rio ajuda a explicar porque em São Paulo os *black blocs* nunca chegaram a contar com o apoio que tiveram na capital fluminense. Em São Paulo, a partir do fim de julho os *black blocs* se formaram como uma força isolada, inicialmente em solidariedade aos cariocas, e depois lançando uma campanha contra o governador paulista, Geraldo Alckmin. Ao se voltar contra Alckmin, os *black blocs* paulistas poderiam se articular com a esquerda moderada, por terem um inimigo comum, mas a incompreensão mútua impossibilitou a aproximação. E aqui chegamos ao “x” da questão: a desconfiança mútua entre duas culturas militantes distintas, mas que compartilham muitos objetivos, está acabando com as possibilidades de aproveitar a incrível energia social gerada pelas manifestações de junho para construir novos espaços de debate e mobilização que poderiam abrir perspectivas inéditas de ação política no Brasil. Não se trata aqui de querer apagar as diferenças entre a cultura de militância partidária – baseada na hierarquia, na centralização e na estabilidade – e a cultura libertária que está na base da tática *black bloc* – horizontal, descentralizada e instável – mas de propor que, apesar de suas diferenças, estes dois setores podem trabalhar juntos em prol de causas que os unem. (FIUZA, 2013)

Para o historiador Bruno Fiuza, toda a conjuntura do Rio de Janeiro ajuda a explicar o fortalecimento da tática *Black Bloc* na cidade, ao contrário do que aconteceu em outras capitais brasileiras, onde a atuação dos blocos negros minguou. Em São Paulo, por exemplo, os *Black Blocs* passaram a atuar como forças isoladas, que pouco dialogaram com o restante do movimento. Seus atos “autorais” não saíram em defesa de outros grupos, de outras pautas, como o fizeram os blocos negros cariocas, e muito menos ganharam o apoio de outros militantes. O que pode-se concluir, portanto, é que, no Rio de Janeiro, a presença dos *Black Blocs* se fez necessária não apenas como força autônoma, estética e de propaganda anticapitalista, eles se inseriram dentro do imaginário das ruas de forma orgânica, somando forças, e resistindo ao lado de manifestantes “comuns”.

4. REPORTAGEM: UM OLHAR ESTÉTICO SOBRE OS *BLACK BLOCS*

Carnavalização da repressão

Como a revolta estética dos black blocs mexeu com o imaginário das manifestações urbanas no Rio de Janeiro: da criminalização das máscaras ao vandalismo poético

Uma rápida passagem pelo entorno do Palácio Tiradentes, sede da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), na noite do dia 17 de junho de 2013, já era o suficiente para perceber que – e o quanto – os grupos que ali se encontravam destoavam da multidão vestida de branco, ornamentada com flores na cabeça e sorrindo para as câmeras suas caras pintadas de verde e amarelo que totalizaram, mais cedo, os “históricos” 100 mil da Rio Branco. A passeata que, por volta das 18h da noite, já lotava toda a extensão da avenida, com pessoas protestando contra o aumento das tarifas no transporte público, um dia, talvez, ilustre os livros de História, mas para muitos é o episódio da Alerj que merece algumas páginas a mais. Esta foi a data que marcou o surgimento de uma nova forma de protesto nas ruas do Rio de Janeiro, fundamentada na destruição de símbolos do capital e do poder estatal. E – por que não? – estética e performática.

Para além da mistura de punks e grupos de pessoas portando bandeiras negras anarquistas, percebia-se ali a adesão, também, de pessoas das camadas mais populares da sociedade carioca. Publicadas no blog colaborativo *Das Lutas*⁵¹ – que reúne informações sobre os protestos no Rio de Janeiro –, no dia 18 de junho, as palavras de um jovem que esteve presente no que ele mesmo intitula de “levante da Alerj” tentam vasculhar um imaginário diferente do que estávamos acostumados a ver nas ruas até aquele momento – seja nos dias anteriores, seja poucos minutos antes.

Numa tentativa de combater a criminalização daquele que seria o início da atuação *black bloc* no Rio de Janeiro, Fernando Monteiro defende que é preciso colocar o censo crítico para funcionar antes de aceitar qualquer “explicação fácil” sobre a ação dos supostos vândalos, como algo extremamente danoso para a sociedade. “Faz-se necessário compreender os engendramentos econômicos e sociais que levam uma

⁵¹ Disponível em <http://daslutas.wordpress.com/2013/06/18/o-levante-da-alerj/>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

parcela significativa da população do Rio de Janeiro às ruas e porque fatias menores dessa massa adotam atitudes que, como dizem por aí, não condizem com a doçura do carioca”.

Na “batalha da Alerj” – outra expressão que circulou pela internet, em vídeos do Youtube⁵² e entre alguns manifestantes com o passar dos meses –, continua o colaborador do *Das Lutas*, estiveram presentes grupos de torcedores organizados, como sugeriam algumas de suas pichações e palavras de ordem, e gente do subúrbio que, para o rapaz (também morador do subúrbio), vivem problemas bem diferentes dos “universitários brancos da Zona Sul”, que outrora lotavam a Avenida Rio Branco. “São moradores de favelas ou bairros pobres que trazem para as ruas o acúmulo de uma vida inteira de contato violento com o Estado, onde geralmente essa violência é proporcionada pelos mesmos personagens que estavam ‘protegendo’ a Alerj”, diz ele acadêmico monográfico referindo-se à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) e seu já conhecido flerte com o abuso de poder.

Aquele 17 de junho – e as discussões polêmicas que ele gerou – foi apenas a ponta de um iceberg. Pois foi em meio ao corre-corre aflito nos arredores de um Palácio Tiradentes em chamas, ao som ritmado de bombas de efeito moral e sob efeito do gás lacrimogênio⁵³, que podemos depreender que o primeiro *black bloc* carioca foi formado. E, ainda que passível de críticas e discordâncias – como qualquer outra estratégia de manifestação –, a verdade é que a utilização da tática *black bloc* se fortaleceu em meio à repressão policial, e a adesão de manifestantes às estratégias de ação direta e violência simbólica cresceu de maneira diretamente proporcional ao aumento da violência de Estado instaurada e perpetuada dali em diante, e inconstitucionalmente imputada manifestação à manifestação.

Já tendo participado de algumas formações *black bloc*, hoje, o estudante de matemática da UFRJ, Renato (nome fictício), de 22 anos, conta que não era militante antes das Jornadas de Junho. Caiu meio que de paraquedas na manifestação contra o aumento das passagens, ao sair do trabalho no Centro do Rio, e foi tragado pela

⁵² Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5MAg4mq7Zq8>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

⁵³ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-reune-100-mil-pessoas-comeca-em-paz-e-termina-em-confusao-no-rio.html>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

movimentação nas ruas. “No dia 17 de junho eu soube que teria uma manifestação no Centro, contra o aumento da passagem. Assim que saí do trabalho, decidi ir sozinho direto pra lá e, quando cheguei, foi mágico ver aquela multidão, com cartazes e gritando palavras de ordem, protestando contra uma determinada atitude do governo. Nunca mais consegui sair das ruas.”

De lá para cá, o rapaz diz ter participado ativamente de assembleias populares – como a Assembleia do Largo, que acontece toda terça-feira no Largo do São Francisco –, de ocupações políticas e intervenções urbanas, como o Ocupa Ônibus – ação desenvolvida por integrantes do Ocupa Câmara Rio, no dia 19 de setembro, com distribuição de panfletos e adesivos em ônibus, a fim de ampliar o debate sobre o transporte público na cidade e a tarifa zero. “Venho acompanhando os trabalhos feitos nas instituições governamentais e definitivamente assumi uma posição de ativista”, afirma Renato, que ajudou ele próprio a construir a chamada Assembleia Popular que acontece toda quarta-feira, na Cinelândia, e tem como objetivo acompanhar os projetos de lei que tramitam na Câmara dos Vereadores.

Fora os trabalhos de bastidores, Renato confirma compor, desde julho, a linha de frente dos blocos negros durante as manifestações de rua que acontecem pela cidade, devolvendo a “gentiliza” das tropas de choque da polícia militar ao chutar, de volta, as bombas de gás lacrimogênio lançadas contra os manifestantes, além de ajudar quem passa mal no meio da confusão e gravar vídeos pelo celular a fim de registrar abusos policiais. Sobre a eficácia da tática *black bloc*, o estudante de matemática comenta que “aqui no Brasil, utiliza-se muito o discurso da autodefesa, de apenas reagir, o que não é muito frequente lá fora. Por ser um movimento novo aqui, acho que ainda encontra-se muito desorganizado e mais performático do que efetivo”.

“A primeira vez que compus um *black bloc* foi no dia 31 de julho, na primeira tentativa de ocupação da Câmara Municipal do Rio. Naquele dia, conseguimos entrar pela porta lateral, que estava aberta, e desde o primeiro momento alertávamos uns para os outros em voz alta que não era para quebrar nada. O objetivo era apenas ocupar”, relembra. No entanto, segundo o manifestante, neste dia, os militantes foram retirados da Câmara pela truculência da polícia militar, enquanto aguardavam uma suposta negociação de permanência informada por um advogado da OAB. “Desde então, comecei a atuar mais ativamente nos *black blocs*.”

Estética social

Fato é que, eficaz ou não, é impossível ignorar o caráter estético e performático dos *black blocs*. Vestidos de preto da cabeça aos pés, mascarados, empunhando bandeiras e escudos, andando de braços dados na formação de um bloco maciço (como o próprio nome sugere); ora parando para acertar o passo, o compasso, reagrupar, ora gritando palavras de ordem, os blocos negros passaram a dominar o imaginário das manifestações de rua no Rio de Janeiro, ao promoverem verdadeiras performances artístico-políticas quase que inconscientemente, das quais saem (quase) sempre protagonistas. Seja no valor estético, propagandístico e social que atribuíram aos protestos, seja quando vítimas da criminalização estampada nas capas dos grandes jornais à serviço do governo.

“O *black bloc* acontece nas ruas”. Em texto publicado na imprensa paulista recentemente⁵⁴, os professores Esther Solano (Unifesp) e Rafael Alcadipani (FGV-SP), que estudaram o fenômeno in loco, em São Paulo, através de observações pessoais e entrevistas, esboçaram uma primeira abordagem sociológica da tática no Brasil. Segundo os pesquisadores, os adeptos da tática são jovens, entre 17 e 25 anos, de classe média baixa, que trabalham, são formados (ou formandos) em universidades, em sua maioria, particulares. “Para estes jovens a violência simbólica funciona como uma forma de se expressar socialmente, um elemento provocador que tem o intuito de captar a atenção de um Estado percebido como totalmente ausente.”

Os militantes que utilizam a tática *black bloc* dizem fazer uso de uma “violência teatral”, simbólica, que chama a atenção para o que eles caracterizam como verdadeiro vandalismo: a violência do Estado. A ação direta se faz contra símbolos de um sistema político-corporativo que eles reconhecem como perverso. “Os *black blocs* reúnem pessoas com ideais em comum, revoltadas contra um sistema que é desumano; são pessoas que lutam contra as opressões e repressões diárias, seja do Estado ou de empresas ‘canibais’ capitalistas aliadas ao governo e que ajudam a segregar a sociedade”, cometa Diego (nome fictício), que se declara anarquista e participou do

⁵⁴ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/134346-violencia-black-bloc-visa-chamar-atencao-de-um-estado-ausente.shtml>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

Ocupa Câmara Rio até o dia em que o mesmo foi desmontado pela polícia, no último dia 15 de outubro.

No Rio de Janeiro, o *black bloc* atenta para uma realidade que nem mesmo os preparativos para a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 conseguem esconder. As autoridades locais vêm se esforçando para reinventar um Rio de Janeiro de terceiro mundo com uma economia de primeiro que só beneficia alguns poucos grandes empresários. A reforma do Maracanã custou R\$ 1 bilhão⁵⁵ aos cofres públicos e quase desocupou a Aldeia Maracanã. O Porto Maravilha saiu a R\$ 8 bilhões⁵⁶, ao custo de remoções no Morro da Providência⁵⁷. A construção da Vila Olímpica, que após as Olimpíadas será transformada em expansão urbana de luxo na Zona Oeste⁵⁸, ameaça desalojar trinta famílias da Vila Autódromo, uma antiga favela da região⁵⁹. Antes mesmo do aumento do preço de produtos e serviços chegar às passagens de ônibus e metrô, ele já havia chegado aos imóveis, e outros setores, transformando o custo de vida na capital carioca algo quase impraticável.

Como o historiador Rodrigo Elias, da *Revista de História*, defende em seu artigo “Água com gás lacrimogênio”⁶⁰, não dá nem para começar a falar de todas as outras mazelas, às quais a população fluminense está submetida diariamente, relativas à (má) gerência governamental, e que dizem respeito a saúde, educação e transportes. “Também não vou falar da situação de violência à qual os próprios policiais são submetidos por conta da política de segurança do Estado (sobretudo o confronto ao narcotráfico como forma de ‘limpeza’ da Zona Sul da capital e de áreas que ficarão sob

⁵⁵ Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,custo-do-maracana-fica-mais-carro-e- chega-a-r-1192-bi,1056174,0.htm>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

⁵⁶ Disponível em <http://rio-negocios.com/porto-maravilha-tera-r-76-bilhoes-em-investimentos/>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

⁵⁷ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>, último acesso em dezembro de 2013.

⁵⁸ <http://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2012/apos-jogos-vila-olimpica-se-transformara-em-casas-e-tera-hotel-de-luxo,5f5cbf542cfed310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

⁵⁹ Disponível em <http://www.viomundo.com.br/denuncias/vila-autodromo-a-estranha-manifestacao-que-teve-ampla-cobertura-da-globo.html>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

⁶⁰ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/agua-com-gas-lacrimogenio>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

foco da mídia estrangeira nos próximos anos por conta dos eventos esportivos internacionais), as condições de trabalho, a baixa remuneração...”

A revolta estética dos *black blocs* acaba, portanto, apontando para uma insatisfação popular de longa data e propõe a ruptura com o Estado, pouco representativo dos interesses das camadas mais desfavorecidas da sociedade. “Em nenhum momento nossa democracia representativa, altamente falha, defende os interesses da população. O *black bloc* se torna agente de transformação política nesse sentido, pois a partir do momento em que um movimento radical ganha força, os (des)governantes tendem a ficar com medo. Infelizmente, cartazes e palavras de ordem não derrubam um sistema”, conclui o estudante Renato.

Criminalização e carnavalização

“O *black bloc* é uma manifestação do poder do povo, são os gritos de basta e repúdio à opressão sofrida por classes mais desfavorecidas da sociedade, consolidada em uma grande e uniforme massa preta.” As palavras são de Sergio, um rapaz de 24 anos que trabalha embarcado em alto mar, mas que passou algum tempo “ancorado” nas duas principais ocupações políticas que se formaram no Rio de Janeiro a partir de junho: o Ocupa Cabral – em frente à residência do governador Sérgio Cabral – e o Ocupa Câmara Rio, na Cinelândia.

Tempo este, que ele diz ter sido fundamental para sua compreensão do dito “vandalismo” e a adesão à tática *black bloc*. “Para entender a tática a ponto de apoiá-la, ainda que não se participe dela, é fundamental comparecer aos atos e presenciar de perto as ações da polícia e a reação dos *black blocs*, só então você percebe o quanto eles são necessários. Do contrário, você acaba acreditando em informações manipuladas pela grande mídia, que insiste em criminalizar todo e qualquer movimento popular que defenda os interesses da população”.

Para o ativista tripulante, a tática *black bloc* não é necessariamente e totalmente assertiva, já que existem outras ferramentas paralelas essenciais à transformação política, como o diálogo, as assembleias e as próprias ocupações. “Os *black blocs* funcionam de uma forma mais dura e crua, chamam atenção para a realidade, motiva muitos e amedronta outros, mas consegue conscientizar qualquer um que faça o mínimo de esforço para entender.”

Esforço para entender é, de fato, algo que o governo não tem colocado em prática. Nada tem sido tão importante para o governador Sérgio Cabral como dificultar a continuidade dos protestos, através de sua incessante caça aos “vândalos”. Para isso, uma Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas foi criada⁶¹, institucionalizando o monitoramento de suspeitos de “quebra-quebra” durante atos e protestos. O decreto, assinado pelo governador no dia 19 de julho, falava na “necessidade de as instituições públicas incumbidas da defesa do Estado Democrático de Direito se organizarem para promover uma maior eficiência na investigação e na tomada de providência para a prevenção da ocorrência de novos atos de vandalismo”.

Para a historiadora Nashla Dahás, da *Revista de História*, no artigo “A democracia envergonhada”⁶², o documento demonstrou, em muitos aspectos, a sobrevivência do funcionamento das instituições jurídicas dentro de uma norma ditatorial. “Mas não apenas: a iniciativa tomada em meio a um movimento histórico de jovens que após gerações de silêncio impotente conseguiram vomitar a autocensura e a autorrepressão, mostra a persistência de uma mentalidade entre os representantes políticos ligada a ‘atitude pseudolegal’ do poder arbitrário, que permite a perseguição política, a sujeição da individualidade e o cerceamento da capacidade popular de livre pensamento.”

Acontece que, apesar de tanto esforço, o governador não conseguiu varrer por completo os manifestantes das ruas, que se multiplicavam e aglomeravam em torno de ocupações políticas, inclusive na porta de sua casa, no Leblon. A última cartada veio com a proibição do uso de máscaras em manifestações políticas. A lei (6.528/2013)⁶³, que trata do direito às manifestações pacíficas e proíbe o uso de máscaras nos protestos de rua do estado, foi sancionada no dia 11 de setembro por Cabral. Em sua segunda emenda, no entanto, ela permite que sejam usadas máscaras em manifestações culturais que integram o calendário da cidade, como o Carnaval.

⁶¹ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/sem-rumo>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

⁶² Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/democracia-envergonhada>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

⁶³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/09/1340726-cabral-sanciona-lei-que-proibe-mascara-em-protestos-de-rua.shtml>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

A partir daí, arranjar formas criativas de despistar a nova norma passou a ser o passatempo favorito dos manifestantes. Na madrugada do dia 22 de setembro, por exemplo, um baile de máscaras improvisado levou carnaval, marchinhas, confetes e serpentinas para as escadarias do Palácio Guanabara. Para a poetiza Beatriz Provasi – defensora assídua do que ela mesma intitula de “vandalismo poético” – que participou da ocupação política (e artística) da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, esse tipo de performance contraria a própria distinção, presente no texto da Lei anti-máscaras, entre o cultural e o político.

“No Rio, a manutenção de todas as ocupações contou com atos artísticos, bem como muitas manifestações se travestiram de ações artísticas para despistar a repressão. Bailes de Máscaras não faltaram após a repressão ao uso de máscaras em manifestações, pois os cariocas sempre souberam usar o carnaval de rua como ato político, a exemplo do grupo Nuvem Cigana” – grupo que reunia artistas defensores da contracultura – “na década de 70”, explica. “Uma ação de vandalismo poético, neste contexto, é menos um poema do que uma camisa amarrada na cara; menos um poema, do que uma frase pichada no muro. Mas é também a camisa e o muro instalados no poema.”

O Ocupa Câmara Rio, aliás, foi um prato cheio para os adeptos das ocupações culturais, onde performances e instalações artísticas se confundiam o tempo todo com atos políticos, tornando tênues suas fronteiras. “Realizamos o *flash mob* ‘Abraça um mascarado’⁶⁴ – onde pessoas com uma camiseta preta amarrada no rosto, à moda *black bloc*, transitaram pela Cinelândia pedindo abraços, com a intenção de desmistificar a figura dos mascarados frequentemente associada a “vândalos e “baderneiros” – “e instalações em praças públicas mascarando estátuas. Em outra instalação, transformamos os fradinhos da Cinelândia em lápides para políticos e empresários da máfia dos transportes, e realizamos o ‘Enterro da CPI dos Ônibus’ e sua ‘Missa de 7º dia’, com caixão, cortejo fúnebre e oração poética. Na festa de dois meses de ocupação, foi celebrado um casamento *black bloc*”, relembra a artista.

Tantas tentativas de subversão de leis impostas pelo Estado e sua perseguição aos *black blocs*, aqui encarnados na figurada do mascarado, no entanto, não conseguiram impedir o estado de exceção que, só no Rio de Janeiro, realizou cerca de

⁶⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=PvCQwtIoWQ4>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

200 detenções e decretou a prisão de 84 manifestantes, no último dia 15 de outubro. Na capa do jornal O Globo, uma manchete anunciava uma suposta “lei mais dura”, que havia levado “70 vândalos para presídios”. Deste montante, 27 foram autuados com base na nova Lei do Crime Organizado (12.850/2013)⁶⁵. Dentre os “vândalos”, um palhaço, um carteiro e um estudante de Direção Teatral da Escola de Comunicação da UFRJ, que estava varrendo as escadarias da Câmara Municipal na hora em que a polícia fechou o cerco sobre o acampamento do Ocupa Câmara Rio. De fato a lei é dura, mas é também incompreensível.

A resposta veio na base do Grito (da Liberdade)⁶⁶, que aconteceu no dia 31 de outubro, até agora a mais estética de todas as manifestações desde as Jornadas de Junho. A realização de performances artísticas durante o ato – construído por diversos coletivos artísticos e de midialivristas, como o “Vinhetaando”, o “Projetação”, o “Rio na Rua” e a “mídia NINJA”, além dos próprios black blocs – se anunciou já em sua formulação, como estratégia para escapar da violência policial.

Em seu manifesto, o Grito da Liberdade se proclamava um ato pela liberdade dos gritos: “é uma convocação popular às ruas pelo fim do momento de exceção ao qual o Rio de Janeiro tem sido submetido por seus governantes. Nosso grito é contra a aplicação das leis de Segurança Nacional e de Crime Organizado contra manifestantes, pela libertação imediata dos presos políticos e pelo direito amplo e irrestrito de livre manifestação, garantido na Constituição de 1988, e que tem sido sistematicamente violado pelo Estado em nome dos megaeventos.”

Todo um roteiro de ações para o percurso, do Tribunal de Justiça aos Arcos da Lapa, foi montado, mas nada gritou tão alto quanto o “nosso silêncio ensurdecedor ao descer a Avenida Rio Branco”. Os manifestantes cruzaram silenciosamente toda a extensão da Rio Branco, muitos amordaçados, ao som de uma batida grave de tambor⁶⁷. “Emergindo do silêncio eventualmente uma voz ou outra chamava nomes emblemáticos

⁶⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/ato-no-rio-tem-64-presos-27-deles-autuados-em-lei-de-crime-organizado.html>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

⁶⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/events/230745847090026/>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

⁶⁷ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xG73RtIjLk>, último acesso em 04 de dezembro de 2013.

de vítimas da violência do Estado. Após cinco meses gritando reivindicações nas ruas, essa performance coletiva, concentrada, silenciosa, firme, causou enorme estranhamento entre os transeuntes, que paravam às portas dos prédios para observar o acontecimento. Entre a ação política e a performance artística, esse silêncio perturbador permanece em suspenso, ecoando indecifrável”, comenta Beatriz.

Diante de um Estado que sequestrou a liberdade de expressão de seus cidadãos, transformando-a em crime – e daqueles organizados – e carnavalizou a repressão – no Rio de Janeiro, gás lacrimogênio e balas de borracha são despejados em manifestantes como se fossem confete; e diante de todas as “leis mais duras” que já levaram até o Batman preso⁶⁸, agora só resta esperar pela oficialização do carnaval, em junho de 2014, durante a Copa do Mundo. O bloco negro já está nas ruas.

⁶⁸ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/manifestante-vestido-de-batman-e-detido-no-centro-do-rio.html>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas pessoas se manifestam levantando um cartaz com os dizeres “Não vai ter Copa!” para as ruas da cidade. Quinhentas mil pessoas, empunhando cartazes e gritando palavras de ordem, podem compor um ato pacífico, bonito até, que passa uma mensagem, e transmite uma crítica pública. A ação de um *black bloc*, de repente, pode destruir as vidraças de um banco patrocinador da Copa do Mundo de 2014 e pichar em seus destroços “Não vai ter Copa!”. É a mesma coisa: o alvo é a mensagem. Mas a mensagem é passada de maneira mais radical, combativa, através da ação direta, de forma quase propagandística.

As frequentes críticas aos *black blocs* – tecidas diariamente pelos representantes do Estado, afim de justificar sua criminalização dos movimentos sociais, e endossadas pela mídia tradicional – atentam para os danos ao patrimônio público e privado e usam o “quebra-quebra” para qualificar a tática como gratuitamente violenta e apolítica. O que eles esquecem de fazer é redimensionar o valor e o significado da palavra “violência”.

Basta uma simples conversa com um adepto da tática *black bloc* para entender que o problema é mais profundo – passa por questões sociais e revoltas pessoais. Os jovens que utilizam a tática *black bloc* dizem usar uma violência teatral que chama a atenção para o que eles caracterizam como o verdadeiro vandalismo. Tal vandalismo seria uma ordem das coisas que engole o cidadão numa tirania contínua.

O uso da violência simbólica também serve, na versão deles, para induzir a sociedade a refletir sobre a necessidade de uma mudança sistêmica. “Nenhum político e nenhum grande banqueiro ficará impressionado com 500 mil manifestantes pacíficos, uma vez que não haja dúvida de que eles irão permanecer não-violentos o tempo todo. Somente a possibilidade de radicalização torna um movimento ameaçador e por consequência forte.” (NED LUDD (org.), 2002, p.13)

Os *black blocs* funcionam de uma forma mais dura e crua, e visam chamar atenção para uma realidade que, de tão entranhada em nossa sociedade, muitas vezes passa despercebida. Para além de uma disputa entre “certo” e “errado”, deve-se procurar, antes de mais nada, entre os destroços das vidraças quebradas, onde nasce a revolta.

6. REFERÊNCIAS

NED LUDD (org.). Urgência das ruas: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

CASTELLS, Manuel. Redes de Esperança e Indignação: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARTA MAIOR (org.). Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

DUPUIS-DÉRI, Francis. The Black Blocs ten years after Seattle: anarchism, direct action and deliberative practices. Disponível em: http://www.academia.edu/2399689/The_Black_Blocs_Ten_Years_after_Seattle_Anarchism_Direct_Action_and_Deliberative_Practices, último acesso em 06 de novembro de 2013.

ELIAS, Rodrigo. Água com gás lacrimogênio. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/agua-com-gas-lacrimogenio>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

COLETIVO RETE OPERARIA. Notas sobre a autonomia operária na Itália. Disponível em: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/06autonomiaitalia.htm>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

CENTRO DE CONTRAINFORMAÇÃO E MATERIAL ANARQUISTA. As máscaras e o Black Bloc: a História pré-Seattle. Disponível em: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/15mascarasbloc.htm>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

RUDY, Cleber. Ocupar com K. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 8, Nº 95, p. 32-35, agosto de 2013.

FIUZA, Bruno. Black Blocs: A origem da tática que causa polêmica na esquerda. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>, último acesso em 06 de novembro de 2013.

BILLI, Marcelo. Manifestação na Paulista termina em pancadaria. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2104200127.htm>, último acesso em 17 de novembro de 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bloco preto” é o mais radical manifestante. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2104200126.htm>, último acesso em 17 de novembro de 2013.

GARCIA, Bruno. Apatia festiva. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/serie-indignados/apatia-festiva>, último acesso em 23 de novembro de 2013.

CARVALHO, Igor; ROUSSELET, Felipe. Uma cronologia das manifestações. In: Revista Fórum, Rio de Janeiro, Ano 12, Nº 124, julho de 2013.

CARVALHO, Igor; ROUSSELET, Felipe; FARIA, Glauco. Desmilitarização, um debate inadiável. In: Revista Fórum, Rio de Janeiro, Ano 12, Nº 125, agosto de 2013.

BRUM, Eliane. Classe média sente os feridos da Paulista e ignora os mortos da Maré. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/07/classe-media-sente-os-feridos-da-paulista-e-ignora-mortos-da-mare.html>, último acesso em 21 de novembro de 2013.

MONTEIRO, Fernando. O levante da Aler. Disponível em: <http://daslutas.wordpress.com/2013/06/18/o-levante-da-alerj/>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

SOLANO, Esther; ALCADIPANI, Rafael. Violência 'black bloc' visa chamar atenção de um Estado ausente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/134346-violencia-black-bloc-visa-chamar-atencao-de-um-estado-ausente.shtml>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

DAHÁS, Nashla. Democracia envergonhada. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/democracia-envergonhada>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

GARCIA, Bruno. A máscara do ufanismo. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-mascara-do-ufanismo>, último acesso em 25 de novembro de 2013.

Filmes:

BLACK BLOCK. Direção de Carlo Bachschmidt. Fandango. Itália, 2011. DVD (76 min), color.

DIAZ: POLÍTICA E VIOLÊNCIA. Diaz: Don't Clean Up This Blood. Direção de Daniele Vicari. Fandango/Le Pacte/Mandragora Movies. Itália, 2012. DVD (127 min.), color.

Sites:

Revista de História da Biblioteca Nacional: <http://www.revistadehistoria.com.br/>

Movimento Passe Livre: <http://saopaulo.mpl.org.br/>

Revista Fórum: <http://revistaforum.com.br/>

Portal Interagentes: <http://portal.interagentes.cc/>

Do or Die: <http://www.eco-action.org>

Nodo 50 Contrainformacion En Red: <http://info.nodo50.org/>